



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**

**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**ANDRÉ JOÃO PEREIRA CAPINHA**

**Teologia da fragilidade e Projeto de vida:**

Integração do tema da fragilidade na Unidade Letiva 3 do 9.º ano de EMRC, a partir de uma reflexão teológica.

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada sob orientação de:**

**Professor Doutor António Manuel Alves Martins**

**Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa**

**2018**

«Deus é impotente e fraco no mundo,  
e somente assim está connosco e nos ajuda».  
Dietrich Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, p. 488

## Agradecimentos

Ao Deus de Jesus Cristo, que se vem revelando em ao longo do meu percurso de vida e, particularmente durante os anos deste Mestrado, está presente. A Ele agradeço todos os que se têm cruzado comigo por causa da Fé.

Aos meus pais, por tudo.

Aos meus irmãos, particularmente ao Pedro, pela ajuda e incentivo que deu.

Aos Professores Orientadores, pela atenção e disponibilidade.

A todos os docentes do MCREMRC, pela ajuda na progressão científica e pedagógica.

Ao núcleo da PES da EB 2/3 Pedro d'Orey da Cunha: à Professora Cooperante, Maria João Cruz, e aos professores estagiários Isa Xufre, Bruno Alexandre e Orlando Mendes, pelo que me ajudaram a progredir como docente e como pessoa.

Às comunidades educativas nas quais evolui como professor: Agrupamento de Escolas Prof. Noronha Feio, Agrupamento de Escolas de Linda-a-Velha e Queijas, Agrupamento de Escolas Raul Proença e Escola Secundária Dr. Augusto César da Silva Ferreira. Foi na prática letiva e no convívio com colegas, alunos e pessoal não docente destas escolas que fortaleci a convicção de que ser professor é a minha vocação e decidi avançar para o Mestrado.

A todos os amigos, em particular à Marta, ao Tiago, ao Valter, ao Rui, ao Marco e ao Luís que não se cansaram de insistir para que acabasse este Relatório Final, sobretudo quando a motivação ou o empenho faltaram e tudo o que era necessário era a presença silenciosa de um amigo.

## Resumo

Esta investigação surge a partir da observação de algumas limitações que verifiquei na prática pedagógica da Unidade Letiva 3 do 9.º ano de Educação Moral e Religiosa Católica «O Projeto de vida» e tem em conta o meu interesse pessoal pela Teologia da fragilidade e a possibilidade de a pensar no contexto do Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Tem como objetivo perceber até que ponto a Unidade Letiva a trabalhar, num tempo em que se pensa o Projeto de vida como algo orientado para o sucesso, e se entende a realização pessoal como soma dos sucessos individuais, integra ou pode integrar um discurso cristão sobre a fragilidade. Procuro, também, ver como no contexto desta Unidade Letiva 3 do 9º ano se pode incluir um discurso sobre como os insucessos e fragilidades decorrentes da condição humana devem ser integrados no nosso projeto de vida.

**Palavras-chave:** EMRC; fragilidade; Projeto de vida.

## Abstract

This research is born from the observation of a few limitations I've come across in the pedagogical practice of the 3rd Unit of Study in the 9th grade of Educação Moral e Religiosa Católica (Catholic Moral and Religious Education, EMRC), «Project of Life» and takes into account my personal interest for the thematic of the frailty theology and the possibility of considering and thinking about it within the context of the Study Program of EMRC. The purpose is to try to understand how the Unit of Study being addressed can integrate a christian discourse on human frailty, in a time when the project and goals of life are success-oriented, and personal fulfillment is understood to be the sum of all the individual personal successes. I'm also trying to see how, in the context of this 3rd Study Unit of the 9th grade, can the value of how the “failures” and the weaknesses that come with the human condition be integrated in our life project.

**Key words:** EMRC; frailty; life goals/purpose

## Siglário

EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
EB	Escola Básica
Jl	Jardim de Infância
ATL	Atividades de Tempos Livres
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
CLAS	Conselho Local de Ação Social
PES	Prática de Ensino Supervisionada
UL	Unidade Letiva
InTASC	Interstate Teacher Assessment and Support Consortium
UL	Unidade Letiva
Gn	Livro do Génesis
Is	Livro de Isaías
Mt	Evangelho de Mateus
Lc	Evangelho de Lucas
Act	Livro dos Atos dos Apóstolos
1 Cor	Primeira Carta aos Coríntios
2 Cor	Segunda Carta aos Coríntios

## Introdução

Esta investigação surge no contexto da verificação de algumas limitações observadas no Programa de EMRC na sequência da lecionação, no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), da Unidade Letiva 3 do 9.º ano de escolaridade da referida disciplina, «O Projeto de Vida», e é apoiada no meu interesse pessoal pela Teologia da fragilidade e a possibilidade de a pensar no contexto desta Unidade Letiva. Tenho como objetivo mostrar como a Unidade a trabalhar, num tempo e numa sociedade em que se pensa o projeto de vida como algo orientado para o sucesso, e se entende a realização pessoal como soma dos sucessos e alegrias individuais, integra ou pode integrar um discurso cristão sobre a fragilidade. Procuro, também, ver como no contexto desta Unidade Letiva 3 do 9.º ano se pode incluir um discurso sobre como os insucessos decorrentes da condição frágil da vida humana devem ser integrados no nosso projeto de vida.

Durante a lecionação desta UL houve algumas aprendizagens que, enquanto docente, me foram proporcionadas. Aprendi que importa consolidar cientificamente as introduções aos conteúdos apresentados e também vincar os diferentes momentos da aula fazendo sínteses objetivas dos conteúdos apresentados e trabalhados. Aprendi, ainda, a valorizar as intervenções e sínteses dos alunos integrando-as nos diferentes momentos da aula, percebendo que as aulas têm de ser significantes para estes e que a primeira preocupação na lecionação deve ser com esse fator antes de pensar no cumprimento estrito dos tempos ou estratégias referidos na planificação. Foi possível, ainda, melhorar a minha prática docente por meio do trabalho colaborativo, isto é, da produção de materiais pedagógicos e da melhoria nas estratégias e atitude docente em sala de aula através da partilha de experiências e das correções feitas pela Professora Cooperante<sup>1</sup> e com o professor Orlando Mendes, com quem trabalhei em par pedagógico<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Docente da escola onde se realizou a PES, titular da turma em que esta se desenvolveu, que acompanhou e avaliou os docentes em formação na sua prática letiva semanal.

<sup>2</sup> Docente que trabalhou, ao longo da PES, em articulação pedagógica com o outro professor em formação, na planificação de aulas e nas tarefas pedagógicas desenvolvidas em contexto de sala de aula.

Finda a leção desta UL, a minha análise à mesma vai no sentido de a considerar pertinente e bem organizada, embora julgue necessário que nesta se sublinhe mais a distinção entre Projeto de vida e a questão profissional ou vocacional. Também me pareceu necessário que haja um espaço, previsto nos conteúdos a apresentar, que releve a importância de entender o Projeto de vida como algo que existe sempre mesmo nas nossas limitações e fracassos. Numa disciplina como a EMRC, onde a proposta da visão cristã do mundo é fundamental, importa que os conteúdos se afastem de um tipo de discurso que considero perigoso, num tom de autoajuda orientado para a felicidade garantida e para uma realização pessoal por meio do sucesso profissional, financeiro e emocional atingida através do conceito vago de prossecução dos sonhos. Fazer esta opção cria uma ligação mais clara entre esta UL e a primeira UL do nono ano, “A dignidade da vida humana”.

Um projeto de vida que existe no quadro da experiência religiosa tem muito mais a ver com a experiência de ver a sua dignidade sempre respeitada, mesmo nos momentos em que as fragilidades da condição humana se revelam, do que com um conceito de felicidade garantida ou necessariamente atingível que, mesmo à luz da mensagem cristã, se pode tornar vago ou vazio. A experiência religiosa não pode ser apontada como meio garantido de felicidade e sentido, sob pena de essa ideia de Deus e da opção religiosa deixar de ser relevante quando a realidade da vida humana, na sua fragilidade, frustra a expectativa de uma vida feliz e de sucesso que esse Deus garantiria.

Considero que faz sentido trabalhar esta Unidade Letiva no nono ano de escolaridade, sendo esta uma altura em que para a maioria dos alunos de EMRC está em causa não só a mudança de ciclo de ensino, com as escolhas vocacionais específicas que traz o ensino secundário, como, para a maioria dos discentes, a mudança de estabelecimento de ensino, muitas vezes após cinco ou mesmo oito anos vividos na mesma escola. No entanto, quer ao longo da PES quer na minha experiência profissional anterior, quando lecionei a turmas do nono ano e fiz a mesma opção pedagógica de trabalhar esta Unidade Letiva no segundo período, apercebi-me de dois desafios fundamentais.

Primeiro, ao inverter a ordem das Unidades Letivas faz sentido alterar, também, a forma como se costura a continuidade programática. O Programa da disciplina para o nono ano de escolaridade está preparado para que se trabalhem sequencialmente as Unidades Letivas 1 «A dignidade da vida humana», a Unidade Letiva 2 «Deus, o grande Mistério» e por fim a UL 3 «O Projeto de Vida». Neste esquema, constrói-se uma narrativa assente na dignidade da vida humana garantida pelo Deus revelado em Jesus Cristo que oferece um sentido para a vida. Nesta sequência, quando se integra a experiência religiosa no contexto da UL 1 o que o Programa faz é sublinhar a existência do Deus que, no cristianismo, surge como garante da dignidade da vida humana sobretudo nas situações de maior fragilidade (conceção e morte, experiências de doenças graves ou de grandes limitações físicas) e, nesse contexto, o que faz sentido é que a seguir se desenvolva a UL 2 respondendo à pergunta que nos poderia ficar no final da UL 1 «Quem é, então, esse Deus que me garante ser digno?». Por fim, o Deus mistério que garante a dignidade humana é Aquele que deve fundamentar um projeto de vida com sentido.

Optar por inverter as duas últimas Unidades Letivas deve implicar construir uma narrativa diferente, que assenta num projeto de vida construído sobre a dignidade da vida humana, aparecendo Deus como garante de uma vida digna e com sentido, surgindo a UL 2 como corolário, por assim dizer, das aprendizagens feitas ao longo do Ensino Básico, rememorando as aprendizagens feitas ao longo do ciclo a partir do fenómeno religioso e sublinhando a dimensão religiosa como o essencial do Programa de EMRC. Neste caso a narrativa a trabalhar seria a de que toda a vida humana tem dignidade, mesmo aquelas que muitas vezes desprezamos e pomos nas periferias, e que a dignidade da vida humana se concretiza num projeto de vida com sentido, sentido esse que é dado pelo Deus de Jesus Cristo que acompanhou os alunos ao longo do seu percurso na disciplina durante todo o Ensino Básico. Surge um segundo desafio, este já relacionado com os conteúdos desta Unidade Letiva em si, que tem a ver com a ausência de um discurso sobre a fragilidade no contexto do projeto de vida. Penso que faria sentido integrar, nem que fosse como conteúdo a trabalhar em uma ou duas aulas, este tipo de discurso teológico, por duas ordens de razões. Por um lado,



porque no sentido de construir uma continuidade entre as UL 1, 3 e 2 a integração de um discurso teológico sobre a fragilidade permite retomar conteúdos trabalhados na UL anterior. Por outro, porque a integração deste tipo de reflexão leva a que nos afastemos do risco de tornar a UL «O Projeto de Vida» num discurso de uma autoajuda cristã, ainda para mais num tempo em que alguns discursos mediáticos sobre o projeto de vida são orientados apenas para o sucesso e a obtenção da felicidade e o discurso cristão não pode ser mais um nesta lógica.

Assim, é possível refletir sobre o que seria este discurso acerca da fragilidade e de que forma ele poderia ser integrado no itinerário pedagógico da disciplina, nesta Unidade Letiva.

Neste percurso, começarei por fazer uma reflexão acerca do que foi a Prática de Ensino Supervisionada e a minha prática letiva neste contexto, seguindo-se uma apresentação dos traços gerais da Teologia da fragilidade. Nessa tarefa apresentarei uma Teologia bíblica da fragilidade a partir do *corpus* proto-paulino, em particular a partir de 1 Cor 1, 25 e 2 Cor 12, 1-10 e, depois, uma reflexão sobre alguns textos teológicos atuais sobre a Teologia da fragilidade, a partir da obra *Jesus vulnerável*, de Jean Vanier<sup>3</sup> e de uma obra que considero de referência neste âmbito, o livro de Tomáš Halík *O meu Deus é um Deus ferido*<sup>4</sup>. Segue-se uma análise ao programa da disciplina, procurando na Unidade Letiva 3 do 9.º ano de EMRC «O Projeto de Vida» a presença ou insuficiência da Teologia da fragilidade.

Apresentadas e analisadas as insuficiências do Programa em relação a este tema, proporei um itinerário pedagógico que integre a Teologia da fragilidade no contexto da Unidade Letiva trabalhada. Deste itinerário farão parte não só a sugestão das alterações a incluir no Programa da disciplina como, também, uma proposta de planificação de aulas em que surjam estratégias e materiais de apoio que permitam operacionalizar os conteúdos sugeridos.

O itinerário deste Relatório comporta, assim, quatro capítulos. Primeiro, faço uma síntese reflexiva acerca da PES, de modo a tornar claro como surge esta reflexão. O segundo

---

<sup>3</sup> Jean VANIER, *Jesus vulnerável*, Editorial AO, Braga 2017.

<sup>4</sup> Tomáš HALÍK, *O meu Deus é um Deus ferido*, Paulinas, Prior Velho 2015.

capítulo constitui uma reflexão teológica e antropológica sobre o tema da fragilidade, seguindo-se, no terceiro capítulo, a análise do Programa de EMRC, edição de 2014<sup>5</sup>, o confronto do que é proposto no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica com as linhas gerais de uma Teologia da fragilidade e ainda com a realidade da prática letiva. No quarto e último capítulo apresento três propostas de integração da Teologia da fragilidade na Unidade Letiva 3 do 9º ano - «O Projeto de Vida».

---

<sup>5</sup> SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Moscavide 2014 [daqui em diante *Programa de EMRC 2014*].

# 1. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada

## 1.1. O contexto em que se desenvolveu a PES

A minha prática letiva, no contexto da PES, decorreu na EB 2/3 Pedro d'Orey da Cunha, na Damaia, ao longo do ano lectivo 2016/2017, acompanhando uma turma do nono ano de escolaridade. Tive como Professora cooperante a Professora Maria João Cruz e como par pedagógico o professor Orlando Mendes.

Para uma melhor contextualização do ambiente em que decorreu a PES, apresento uma breve caracterização da escola e da turma que acompanhei.

### 1.1.1. Caracterização sociológica da EB 2, 3 Pedro d'Orey da Cunha

A EB 2, 3 Pedro d'Orey da Cunha é a escola-sede do Agrupamento de Escolas da Damaia, situado na actual freguesia das Águas Livres (integram o Agrupamento de Escolas, também, a EB1 Padre Himalaia, a EB1/JI Cova da Moura, a EB1/JI Águas Livres e o JI da Damaia). A população da área territorial do Agrupamento de Escolas é constituída por habitantes de origem portuguesa e imigrantes, na sua maioria, oriundos dos PALOP aos quais, ultimamente, se têm juntado cidadãos brasileiros e dos países da Europa de Leste e mais recentemente provenientes do continente asiático, nomeadamente da China.

O Bairro da Cova da Moura, incluído no Programa dos Bairros Críticos, pertence a esta freguesia. Os dados deste bairro são poucos e pouco fiáveis, dada a dificuldade em os recolher. A constante mobilidade da população dificulta o trabalho de actualização desta informação. Estima-se que a população ronde os oito mil habitantes. As condições das habitações são precárias e frequentemente famílias muito numerosas partilham a mesma casa<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia*, 2013. Disponível em [https://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto\\_Educativo.pdf](https://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf), p. 5.

O Desemprego e a precariedade de emprego afectam mais a população imigrante, e contribuem para o aparecimento de situações de carência económica. A existência de famílias com um baixo poder económico é um impedimento para a possibilidade das crianças e jovens poderem frequentar os ATL existentes na freguesia. Cerca de 50 % dos alunos recorrem ao apoio social escolar<sup>7</sup>.

A existência de agregados familiares com instabilidade económica e profissional originam outros problemas: muitas famílias monoparentais, ausência de acompanhamento dos pais nos processos educativos, gravidez na adolescência, a multiculturalidade.

Este retrato social contribui para o surgimento de fenómenos de exclusão social, que afectam no seu todo a estrutura familiar<sup>8</sup>.

Um dos problemas mais identificados foi a ausência de estruturas sociais de apoio para crianças e jovens que se encontram sozinhos na sua vivência quer escolar quer familiar. Existe uma falta de responsabilidade dos pais na educação dos filhos, sentida pelos professores. Este fenómeno origina situações de abandono escolar e insucesso escolar.

Foram referidas questões sobre o abandono escolar, com uma taxa de 13%, e os jovens não têm a escolaridade obrigatória.

Os jovens dos bairros faltam muito à escola e há disparidade entre idade e nível escolar, sobretudo entre os 11 e os 15 anos, que se pode converter em absentismo escolar. São necessários programas profissionalizantes (por ex. PETI, plano de combate ao trabalho infantil) que poderiam contribuir para a integração social das crianças e jovens, para diluir os comportamentos desviantes que originam comportamentos agressivos<sup>9</sup>.

A participação dos pais no processo educativo é insuficiente. Existem também divergências entre a escola e as associações de pais na resolução dos problemas do ensino.

---

<sup>7</sup> Cf. CONSELHO SOCIAL DA FREGUESIA DA DAMAIA, *Diagnóstico social da freguesia da Damaia*, Rede Social da Amadora CLAS - Conselho Local de Ação Social, Amadora, 2004, p. 4.

<sup>8</sup> Cf. *Ibidem*, p. 4.

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5.

Por outro lado, foram apontadas algumas considerações na área da educação: o problema da educação não está dissociado das questões económicas e sociais, a escola é um agente educativo, falta de responsabilidade da família no processo educativo<sup>10</sup>.

A população apresenta uma taxa de actividade baixa (49,5%), correspondente a 73.668 habitantes e, ao contrário do que outrora se verificava, a razão homens/mulheres não se encontra equilibrada. Reparte-se entre o sector secundário (13,2%) e o terciário (71,7%), sendo o primário praticamente inexistente (0,1%). Verifica-se que cerca de 84,8% são trabalhadores por conta de outrem e que a parte de origem africana trabalha essencialmente nos sectores da construção civil ou em pequenos trabalhos (os homens) e nos serviços domésticos (as mulheres).

As habilitações literárias da população estão próximas da média nacional com a taxa de analfabetismo a situar-se pelos 3,7%. Todavia, os adultos originários dos países africanos são os que apresentam habilitações académicas mais baixas<sup>11</sup>.

O processo de ensino neste contexto multicultural, exige o que deve ser um ensino e uma aprendizagem activos<sup>12</sup>. Nisto os professores têm uma grande responsabilidade, que passa em primeiro lugar por um trabalho pessoal de estudo e reflexão, de modo que possam dar o melhor aos seus alunos. Um dos principais objetivos «do ensino é ajudar os alunos a tornarem-se independentes e auto-regulados»<sup>13</sup>. Para tal os professores devem ser eficazes e, como diz Richard Arends, um professor eficaz é aquele que possui qualidades pessoais, uma base de conhecimentos que deve ser aprofundada e reflectida ao longo de toda a vida, aceitar que deve aprender mais, ter um sentido de justiça social e um bom repertório de práticas de ensino<sup>14</sup>. «O ensino eficaz requer uma reflexão profunda e cuidada sobre as acções de um professor e os efeitos destas na aprendizagem académica e social dos alunos»<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>11</sup> Cf. AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AZEVEDO NEVES, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Azevedo Neves*, 2014. Disponível em [http://agan.pt/pdf/PEA%202014\\_atualizado.pdf](http://agan.pt/pdf/PEA%202014_atualizado.pdf), p. 8-9.

<sup>12</sup> Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, p. 8.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, p. 19.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 20.

### 1.1.2. Caracterização da turma - 9.º A

A turma era formada por 23 elementos, dez do sexo masculino e treze do sexo feminino, longe dos 28 legais, devido à inclusão de uma aluna com Necessidades Educativas Especiais (tratava-se de uma adolescente bastante instável emocionalmente, o que a tornava mais lenta e stressada na realização das tarefas). 21 alunos estavam inscritos na disciplina de EMRC e foi com eles que se desenvolveu o trabalho da Prática de Ensino Supervisionada.

O nível socio-económico da turma era médio-baixo, como podemos depreender da origem dos alunos (residentes, na sua maioria, no bairro da Cova da Moura) e do facto de haver dez membros da turma a beneficiar de Acção Social Escolar (oito alunos com escalão A e dois alunos com escalão B).

Em termos etários, estávamos diante de uma turma heterogénea. A maioria dos alunos tinha, no início do ano lectivo, 15 anos, havendo depois alguns alunos ainda com 13 ou 14 anos e outros já com 16 (estes últimos com retenções ao longo do seu percurso escolar, não estando, entre os alunos com EMRC, nenhum aluno que tenha sido retido no 9.º ano).

Também o núcleo familiar dos alunos da turma era heterogéneo. Uma minoria dos alunos vive com os dois progenitores, é comum que residam com apenas um deles ou com outros familiares (tios, avós). O contexto da maioria da turma era de famílias ditas desestruturadas, o que tem implicações nos seus hábitos de vida e na sua atitude face à escola.

Em relação à atitude dos alunos e às suas expectativas em relação à disciplina de EMRC podemos afirmar que estes estavam motivados, revelando-se trabalhadores, empenhados e interessados pelos temas propostos. Esta motivação e interesse globais traduziram-se, em termos de comportamento na aula de EMRC, na observação de uma turma calma e com bom ritmo de trabalho, mesmo que por vezes houvesse alguns focos de agitação, por norma rapidamente controláveis.

Era uma turma que apreciava os trabalhos de grupo como forma de adquirir aprendizagens e evoluir no espírito de trabalho colaborativo. Esta foi uma opção seguida, sobretudo, nos segundo e terceiro períodos para operacionalizar os conteúdos lecionados e a avaliação dos

alunos quer em relação à criatividade quer nos itens relativos à capacidade de trabalho colaborativo e à aquisição efectiva de conhecimentos e revelou-se bastante positiva (conforme registado em grelha própria para avaliação deste tipo específico de trabalho). A avaliação final do primeiro período refletiu o grau de empenho dos alunos da turma, tendo a maioria sido avaliada com nível 4, o que corresponde a um bom desempenho. As avaliações do segundo e terceiro períodos comprovaram o que havia sido aferido no primeiro momento de avaliação dos alunos na disciplina em relação à aquisição das aprendizagens propostas, continuando a grande maioria da turma situada no nível bom e mantendo-se cerca de vinte e cinco por cento dos alunos no nível muito bom.

Em relação aos resultados dos alunos da turma no teste de avaliação dos conteúdos da Unidade Letiva 3, que lecionei, diria que refletiu o nível de trabalho, interesse e empenho dos alunos, havendo um conjunto de mais de cinco discentes com desempenho Muito Bom e verificando-se que a maioria dos alunos tem Bom desempenho (os testes de avaliação classificados com Suficiente foram residuais, e alguns encontravam-se próximos do nível Bom)<sup>16</sup>.

## 1.2. Evolução da prática docente

Em relação à evolução da minha prática docente, penso que este se tratou de um período particularmente desafiante, uma vez que, já tendo alguns anos de prática como docente de EMRC em diversas escolas e lecionando a vários ciclos de ensino, o trabalho a fazer não era apenas de configuração a um modelo de professor reflexivo<sup>17</sup> e capaz de trabalhar métodos de ensino centrados no aluno<sup>18</sup>, como propõe o Programa da disciplina<sup>19</sup>, mas o de corrigir

---

<sup>16</sup> Sobre os procedimentos de avaliação utilizados cf. Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada de André João Pereira Capinha, Separador III, p. 26-32.

<sup>17</sup> Que avalia os efeitos das suas escolhas e ações nos outros e que procura ativamente formas de crescer profissionalmente (ver Princípios InTASC para professores principiantes in Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, em anexo s/p).

<sup>18</sup> Aqueles em que o aluno é o ator principal da metodologia aplicada em sala de aula, como os momentos de aprendizagem cooperativa (investigação e discussão em grupo), a discussão em sala de aula (debate de ideias, orientado ou não pelo professor de acordo com o tema e a maturidade do grupo-turma) e a educação pelo serviço (confronto da experiência dos alunos com realidades ético-morais da vida real). Cf. *Programa de EMRC 2014*, p. 157-159 ou Richard ARENDS, *Aprender a ensinar*, p. 339-472.

<sup>19</sup> Cf. *Programa de EMRC 2014*, p. 157.

vários vícios adquiridos ao longo deste tempo de prática letiva não orientada<sup>20</sup>, nomeadamente o da opção por momentos de exposição demasiado extensa e, simultaneamente, muitas vezes pouco aprofundada.

Ao longo do ano letivo, e em particular durante o segundo período, em que lecionei à turma a Unidade Letiva 3 - «O Projeto de Vida», foi possível trabalhar as minhas virtudes e defeitos enquanto docente no sentido de me configurar ao que se pretende ser o professor da disciplina.

Procurei apurar a capacidade de refletir sobre o Programa e a forma mais adequada de o trabalhar, planificando as aulas a nível anual, trimestral e semanal e refletindo sobre essas planificações, e apostei na produção de materiais pedagógicos que permitam que os alunos sejam os agentes das suas aprendizagens.

Fiz um esforço por ser um professor atento a cada aluno, venci algumas resistências no sentido de ser mais próximo e afetuoso e procurei que tudo o que foi trabalhado em sala de aula não servisse apenas para preencher o tempo da lecionação, mas fosse realmente significativa e relevante para os alunos (neste último caso, seguindo uma recomendação insistente da Professora Cooperante).

A partir das críticas e sugestões feitas pela Professora cooperante e pelo meu par pedagógico às aulas lecionadas por mim tomei consciência de algumas limitações, que procurei ultrapassar, e analiso em seguida. Por um lado, é importante garantir um bom domínio científico dos temas a introduzir, que se deve traduzir numa exposição clara e tão concisa quanto possível dos conteúdos a trabalhar e numa capacidade de descodificar alguns conceitos mais complicados ou de âmbito científico específico, de modo a que estes sejam entendidos pelos alunos e se possam tornar significantes. Por outro lado, aprendi a valorizar as intervenções e sínteses dos alunos integrando-as nos diferentes momentos da aula. Foi possível, ainda, melhorar a minha prática docente por meio do trabalho colaborativo, isto

---

<sup>20</sup> Cheguei à PES com cinco anos de prática letiva, entre os Agrupamentos de Escolas Professor Noronha Feio (nos anos letivos 2010/2011 e 2011/2012), Agrupamento de Escolas de Linda-a-Velha e Queijas (nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014) e Agrupamento de Escolas Raul Proença (no ano letivo 2014/2015), sem que tivesse tido aulas observadas e tendo apenas nos anos letivos 2012/2013 e 2014/2015 colegas de Grupo disciplinar, sendo que apenas no último ano houve um efetivo trabalho conjunto de discussão, partilha e confronto de materiais pedagógicos e práticas seguidas em sala de aula.



é, da produção de materiais pedagógicos e da melhoria nas estratégias e atitude docente em sala de aula através da partilha de experiências e das correções feitas pela Professora Cooperante e pelo meu par pedagógico.

Embora tenha procurado encarar esses momentos como lugar de auxílio ao meu par pedagógico na sua própria evolução enquanto docente, também as aulas lecionadas por este docente foram ocasião de confronto com as minhas próprias práticas, de observação de uma outra forma de fazer com as suas vantagens e limitações e, assim, de pensar na minha prática docente e conduzi-la a uma evolução.

Em relação às técnicas de produção de materiais pedagógicos estas tiveram em conta os conteúdos trabalhados em sala de aula, as limitações da sala em que se deu a leção (tendo em conta que durante grande parte do período o Projetor de vídeo da sala de aula se encontrava avariado), a importância de diversificar e testar diferentes estratégias e, também, a sensibilidade e motivação dos alunos face a determinadas estratégias (por se tratar de uma turma com bastante interesse e aptidão para o trabalho em grupo e para as apresentações perante o grupo-turma, houve um privilégio, sempre que possível, por esta estratégia). Acompanhei de perto as estratégias propostas pelo manual da disciplina, por se tratar de uma forma concreta e avalizada de operacionalizar os conteúdos programáticos, tendo adaptado os materiais ou abdicado da sua utilização quando os considerei desadequados em relação à realidade desta turma em concreto. Produzi materiais pedagógicos de raiz (fichas de trabalho ou propostas de trabalho em grupo) ou usei outros recursos pedagógicos (em suporte vídeo)<sup>21</sup> quando considereei pertinente e sujeitei esses materiais à aprovação da Professora Cooperante.

Quanto às aprendizagens feitas pelos alunos nesta UL penso que estas foram globalmente positivas, como mostram os vários elementos de avaliação utilizados, e que os conteúdos se tornaram significantes para os alunos. Os testes de avaliação realizados, incidindo sobre todos os objetivos trabalhados na UL, tiveram todos avaliação positiva e a grande maioria situou-se no nível Bom. Também a avaliação dos trabalhos de grupo nas suas diferentes

---

<sup>21</sup> Cf. Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada de André João Pereira Capinha, Separador III, p. 35-49.

componentes (científica/de investigação; capacidade de trabalho em grupo; expressão oral) foi globalmente bastante positiva, verificando-se em alguns trabalhos que exigiam maior criatividade dos alunos e também maior atenção aos outros, em particular os mais frágeis da sociedade, grande qualidade e empenho por parte dos alunos.

Julgo que globalmente houve um progresso na minha prática letiva, tendo superado algumas dificuldades verificadas na minha prática docente. Àquelas que já referi acrescentaria a falta de definição dos vários momentos da aula (garantindo uma transição natural entre estratégias e fazendo a síntese de cada momento da aula, tendo em conta as intervenções dos alunos) e a falta de uma atitude assertiva na gestão dos comportamentos da turma.

Procurei testar diferentes soluções para superar as minhas dificuldades na prática docente, de acordo com as críticas e sugestões da Professora Cooperante e do meu par pedagógico e criei eu mesmo soluções que discuti com estes elementos antes de as testar em sala de aula. Incluo aqui a criação e diversificação de estratégias usadas em sala de aula para a exposição dos conteúdos.

Procurei evoluir, também, em relação à minha relação pedagógica com os alunos dentro e fora da sala de aula, tentando ter uma atitude mais próxima e acolhedora e fazendo-me presente e disponível para conviver com eles e escutá-los, sobretudo fora da sala de aula.

### **1.3. A Unidade Letiva trabalhada em sala de aula**

#### **1.3.1. Considerações iniciais sobre a Unidade Letiva**

A Unidade Letiva “O Projeto de Vida” surge no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica como terceira UL do nono ano de escolaridade. A inserção desta UL neste momento do percurso académico dos discentes de EMRC prende-se com o facto de estarmos num momento de transição do terceiro ciclo para o ensino secundário, quando os alunos escolhem uma área vocacional mais específica.

Pedagogicamente, esta é uma UL que poderá ser interessante precisamente por surgir no momento de transição de ciclo e numa fase em que se está a construir e definir a personalidade dos alunos. Penso que é, também, pertinente a forma como a UL é apresentada no Programa da disciplina, explicando que o conceito de Projeto de vida é mais vasto que o contexto imediato da escolha de uma área profissional ou vocacional (em sentido estrito do termo). Não menos relevante é a apresentação da dimensão religiosa como via de sentido pessoal e elemento importante na concretização de um Projeto de vida, tratando-se este momento, no desenvolvimento pessoal, psicológico e religioso dos alunos, de um tempo de dúvidas e disrupção em relação à dimensão religiosa, sobretudo aquela mais institucional.

Nesta UL são trabalhadas as seguintes metas do Programa de EMRC<sup>22</sup>:

9.º ano - UL 3 - Domínios e Metas trabalhados	
Domínios	Metas
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.
	C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.
CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	G. Identificar os valores evangélicos.
ÉTICA E MORAL	Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

Tabela 1 - Domínios e Metas curriculares trabalhados na UL 3 do 9.º ano

São trabalhadas metas dos três domínios do Programa, e há um equilíbrio nas metas, sendo trabalhadas duas no primeiro domínio e uma nos seguintes domínios.

Ao olhar para todas as metas da disciplina e para a forma como esta UL é operacionalizada julgo que poderíamos considerar que também são trabalhadas, no domínio da religião e

<sup>22</sup> Para consultar as metas curriculares e os domínios trabalhados em EMRC cf. *Programa de EMRC 2014*, p. 8. Para verificar que metas curriculares são trabalhadas na UL 3 do 9.º ano cf. *Ibidem*, p. 100.

experiência religiosa a meta D) Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos. No domínio da cultura cristã e visão da vida são trabalhadas as metas F) Conhecer a mensagem e cultura bíblicas e L) Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso. No domínio da ética e moral são trabalhadas as metas O) Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano e P) Promover o bem comum e o cuidado do outro. Em relação aos objetivos programáticos são trabalhados os seguintes: 1. Identificar a necessidade e a importância dos Projetos na vida pessoal; 2. Reconhecer os valores necessários à concretização de Projetos de vida verdadeiramente humanos; 3. Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus; 4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade<sup>23</sup>.

Foram trabalhados os seguintes conteúdos: a) Definição de Projeto: Objetivos e metas pessoais; Estratégias facilitadoras; Agir em conformidade. b) Projetos pessoais, de grupos e de instituições: Projeto e/ou Projetos?; Vocação e profissão. c) Os grandes objetivos do ser humano, sonho da humanidade: A felicidade própria e alheia; A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. d) As várias opções de vida e a “opção fundamental”; O papel dos bens materiais na construção de Projetos pessoais; Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter; Uma perspetiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: O valor do estudo, do trabalho e do esforço; A importância da partilha de dons e bens. e) O Projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional (Gn 12, 1-14; 15, 1-7). f) A fé como fonte de felicidade; O princípio da felicidade humana nas diferentes religiões. g) A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros (Rm 12, 9-18).

Globalmente, foram trabalhados os conteúdos propostos pelo Programa, havendo apenas uma opção por trabalhar apenas um dos textos bíblicos propostos para pensar os Projetos de vida apresentados na Bíblia (optou-se por manter apenas Abraão, para que a aula destinada

---

<sup>23</sup> Cf. *Ibidem*.

a este trabalho pudesse ter mais aprofundamento) e por trabalhar com um acento diferente do que o Programa sugere e da forma como o manual propõe o conteúdo sobre a relação entre ter e ser, vincando que é necessária uma relação desprendida com o ter mas que este não pode ser diabolizado ou completamente desprezado.

Para operacionalizar os conteúdos trabalhados foram utilizadas estratégias diversificadas de acordo com o pedido pelos próprios conteúdos, com o que é possível trabalhar em sala de aula e com o interesse dos alunos: foram utilizadas exposições pelo professor, apresentações em powerpoint, trabalhos a pares, trabalhos em grupo intra e extra sala de aula e fichas de trabalho, algumas incidindo na interpretação e análise de textos<sup>24</sup>.

Em relação à gestão dos comportamentos da turma durante a leção desta UL, por se tratar de uma turma calma, trabalhadora e empenhada na disciplina - o que já havia verificado por estar a trabalhar com estes alunos desde o primeiro período letivo - o mais importante foi aprender a controlar e gerir a turma na mudança entre estratégias utilizadas, sendo necessário estar particularmente atento ao comportamento da turma antes da recolha de conclusões dos trabalhos de grupo, devido aos diferentes ritmos dos alunos na conclusão dos referidos trabalhos.

No ponto seguinte apresento as planificações de aula e os relatórios das aulas lecionadas por mim, para que se possa verificar o que foi trabalhado em sala de aula.

---

<sup>24</sup> Cf. Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada de André João Pereira Capinha, Separador III, p. 35-49.

### 1.3.2. Planificações e relatórios de aula



## ESCOLA EB 2/3 PEDRO D'OREY DA CUNHA

### Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 13 Aula nº 1

#### Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

Sumário: Definição de projeto. Visualização e discussão de uma apresentação. Realização de uma ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.	Definição de projeto: - Objetivos e metas pessoais; - Estratégias facilitadoras; - Agir em conformidade.	<b>1. Acolhimento</b> <b>2. Registo do sumário</b>  <b>3. O Projeto de Vida</b> a) Apresentação de um powerpoint sobre o que é o projeto de vida. b) Discussão do powerpoint com os alunos. c) Realização da ficha de trabalho «Saltos para o futuro».  <b>6. Síntese da aula</b>	5 5   10 10 10   5	Quadro / Caneta   Projetor / Ficheiro PPT (Anexo 1)  Ficha de trabalho (Anexo 2)	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade  ➤ Comportamento ajustado em sala de aula  ➤ Participação  ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas

**Proposta de Síntese:** O projeto de vida é a escolha de um rumo pessoal com objetivos e metas.

# Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	13	<u>DATA:</u>	03/01/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida				
<u>AULA N.º</u>	2	<u>SUMÁRIO</u> :	Definição de projeto. Visualização e discussão de uma apresentação. Realização de uma ficha de trabalho.		
<u>MODELO DE ENSINO</u> <u>CENTRADO:</u>	<u>No</u> <u>Aluno</u>	X	<u>No</u> <u>Professor</u>	X	
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha				
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz				
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>					
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>	<u>Sim</u>		<u>Não</u>		Planificação demasiado extensa
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

## PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Aula lecionada pela Professora cooperante, visto tratar-se da primeira aula do segundo período letivo. A planificação seguida foi realizada pelo professor estagiário, pelo que a avaliação constante deste relatório será, apenas, a da Professora cooperante incidindo, sobretudo, na qualidade dos materiais pedagógicos propostos.

## AValiação da Professora Cooperante

A planificação foi considerada demasiado extensa, tendo a Professora optado apenas pela visualização e discussão da apresentação.

Em relação a esta, a Professora considerou que os conteúdos estavam expostos de forma clara e permitiram uma discussão ativa e participada por parte dos alunos.



Agrupamento de Escolas da Damaia

## ESCOLA EB 2/3 PEDRO D'OREY DA CUNHA

### Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 14 Aula nº 2

**Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida**

**Sumário:** O Projeto de vida: vocação ou profissão. Realização de uma ficha de trabalho. Diálogo com os alunos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	1. Identificar a necessidade e a importância dos projetos na vida pessoal.	- Projetos pessoais, de grupos e de instituições. - Projeto e/ou projetos? - Vocação e profissão.	<b>3. Acolhimento</b> <b>4. Registo do sumário</b>  <b>3. Realização da ficha de trabalho «Saltos para o futuro».</b>  <b>4. Diálogo a partir da ficha de trabalho:</b> - O professor orienta o diálogo a partir das questões: a) O que te foi mais fácil de imaginar, a profissão ou situação de vida? b) O que é mais importante para ti, a profissão a escolher ou a realização pessoal? - Esclarece a diferença entre vocação e profissão.  <b>5. Síntese da aula</b>	5 5 15 15 5	Quadro / Caneta Ficha de trabalho (Anexo 2)	<b>O professor avalia:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Assiduidade</li> <li>➤ Pontualidade</li> <li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li> <li>➤ Participação</li> <li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li> </ul>

**Proposta de Síntese:** O projeto de vida deve ser orientado para a escolha vocacional e não apenas para a profissão.



## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	14	<u>DATA:</u>	10/01/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida				
<u>AULA N.º</u>	2	<u>SUMÁRIO</u> :	O Projeto de vida: vocação ou profissão. Realização de uma ficha de trabalho. Diálogo com os alunos.		
<u>MODELO DE ENSINO</u> <u>CENTRADO:</u>	<u>No</u> <u>Aluno</u>	X	<u>No</u> <u>Professor</u>		
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha				
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz				
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes				
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>	<u>Sim</u>	X	<u>Não</u>		
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Transição pouco natural entre os dois momentos da aula. Alguma distração por parte dos alunos no final da aula, uma vez que a planificação se revelou curta para ocupar todo o tempo da aula.

### AUTOAVALIAÇÃO

A aplicação da ficha de trabalho correu como previsto.  
Houve problemas na gestão do tempo destinado ao diálogo (sobrou tempo).  
Houve alguns problemas na gestão dos comportamentos dos alunos, sentindo-se bastante ruído de fundo em alguns momentos da aula.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Síntese da aula deveria ter sido feita pelos alunos.  
Durante a aula houve conversas paralelas.  
Sentiu-se alguma dificuldade na transição entre as perguntas orientadoras do diálogo.

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

Deveria ter havido espaço a que os alunos lessem os seus trabalhos.  
Devia ter explicitado os conceitos de profissão e vocação.  
Faltou rematar as intervenções dos alunos para que as ideias-chave a reter sejam inequívocas.  
Demasiada exposição do professor.  
A planificação de aula foi demasiado curta, tendo os alunos percebido esse facto.

Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 15 Aula nº 3

Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

**Sumário:** A felicidade como projeto. Leitura e análise de dois textos. Trabalho em grupos.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	- Os grandes objetivos do ser humano, sonho da humanidade: - A felicidade própria e alheia. - A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum.	<b>5. Acolhimento.</b>	5	Quadro / Caneta	<b>O professor avalia:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Assiduidade</li> <li>➤ Pontualidade</li> <li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li> <li>➤ Participação</li> <li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li> </ul>
			<b>6. Registo do sumário e das presenças.</b>	5		
			<b>3. Leitura e análise de dois textos do manual da disciplina.</b> . Tópicos para a análise: 1. A construção da felicidade a partir das escolhas. 2. Complexidade do ser feliz: não é ter sempre momentos alegres, mas viver seguro com as opções tomadas.	15	Ficha de trabalho (Anexo 3)	
			<b>4. Trabalho em grupos (4 alunos):</b> O professor: - Explica a tarefa: os alunos devem identificar duas atitudes ou valores necessários à felicidade e responder à questão «É possível ser feliz sem os outros?». - Organiza os alunos em grupos e seleciona um porta-voz. - Distribui os materiais e acompanha os grupos. - Orienta a recolha das conclusões pelos porta-vozes dos grupos.	15	Cartolinas / Bostik / Canetas	
			<b>4. Síntese da aula</b>	5		

**Proposta de Síntese:** Ser feliz é o grande projeto de vida, que se concretiza procurando o bem comum.

# Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	15	<u>DATA:</u>	17/01/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida				
<u>AULA N.º</u>	3	<u>SUMÁRIO</u> :	A felicidade como projeto. Leitura e análise de dois textos. Trabalho em grupos.		
<u>MODELO DE ENSINO</u> <u>CENTRADO:</u>	<u>No</u> <u>Aluno</u>	X	<u>No</u> <u>Professor</u>	X	
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha				
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz				
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes				
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>	<u>Sim</u>	X	<u>Não</u>		
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

## PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Tratou-se da aula avaliada pelo Professor Juan Ambrosio, da Faculdade de Teologia da UCP. Registo neste documento, após a avaliação da Professora cooperante, a sua avaliação da aula. A aula decorreu com naturalidade, havendo empenho e motivação por parte dos alunos.

## AUTOAVALIAÇÃO

Havia alguns erros tipográficos na planificação, que poderia apresentar-se pouco clara uma vez que foi necessário justificar algumas opções.  
Em relação à aula, senti algumas dificuldades na aquisição do primeiro texto por parte dos alunos.  
Houve, ainda, algumas dificuldades no controlo da turma.

## AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Avaliação globalmente positiva.

## AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

A aula correu bem, tendo havido boa colaboração por parte da turma.  
Faltou uma introdução ao tema da aula, bem como uma síntese dos vários momentos que garantisse uma transição mais sustentada.

## AValiação DO PROFESSOR DA FACULDADE

Avaliação globalmente muito positiva.  
Em relação à planificação, faltou especificar no sumário os exercícios realizados em aula e apresentar a avaliação por momentos (que instrumento avalia cada momento da aula).  
Em relação à aula, faltou assentar ideias e sinalizar mais a transição entre momentos. Faltou uma introdução à aula. Senti que o professor precisa de adotar uma atitude mais ativa bem como melhorar a relação com os alunos promovendo uma atitude mais acolhedora.  
A experiência do trabalho de grupo resultou muito bem.



## Planificação das Aulas – Nível 4

## Plano de Aula

Lição nº 16 Aula nº 4

### Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

**Sumário:** As opções de vida e a “opção fundamental”. Visualização de um Powerpoint sobre o tema e realização de um trabalho de grupo.

	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	- As várias opções de vida e a “opção fundamental”. - O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais. - Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter.	<b>1. Acolhimento.</b> <b>2. Registo do sumário e das presenças.</b>  <b>3. Síntese da aula anterior</b>  <b>4. O professor:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Vai apresentar um PowerPoint.</li> <li>b) Mandar ler um pequeno texto do manual sobre o tema e aludir a definição de “valor”.</li> <li>c) Pedir a outro aluno para ler um pequeno resumo sobre a hierarquia de valores retirado do livro.</li> <li>d) Explorar a imagem com ajuda de alunos voluntários, orientando o diálogo sobre as escolhas.</li> </ul> <b>5. Trabalho de Grupos:</b> <b>O professor vai explicar a tarefa e mostrá-la em PowerPoint:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Os alunos devem responder à questão: “<i>A realização pessoal passa pelo “<u>ter</u>” ou pelo “<u>ser</u>”?</i>”, tendo em conta as afirmações dadas em PowerPoint.</li> <li>b) Faz a formação de grupos e distribui uma ficha com a questão e as afirmações para ajudar a refletir.</li> <li>c) Faz o acompanhamento a cada grupo.</li> <li>d) Orienta o diálogo entre os diversos grupos e recolhe o registo escrito de cada grupo.</li> </ul> <b>6. Entrega aos alunos uma ficha informativa com o resumo da matéria da aula.</b>  <b>7. Síntese da aula elaborada pelos alunos.</b>	3 5 3  10          15          4 5	Quadro / Caneta          Powerpoint Manual pág. 107	<b>O professor avalia:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Assiduidade</li> <li>➤ Pontualidade</li> <li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li> <li>➤ Participação</li> <li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li> </ul>

**Proposta de Síntese:** Um projeto de vida pessoal que conduza à felicidade necessita de ser orientado por valores promotores da vida e da dignidade das pessoas. A opção fundamental ajuda a estruturar a nossa personalidade.

**NOTA:** Esta aula foi lecionada pelo professor Orlando Mendes, constituindo a sua aula avaliada pelo Professor da Faculdade de Teologia

## Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 17 Aula nº 5

Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

Sumário: Projetos centrados no ter ou no ser. Realização de uma ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	- O papel dos bens materiais na construção de projetos pessoais; - Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter.	<b>1. Acolhimento.</b> <b>2. Registo do sumário e das presenças.</b>  <b>3. Introdução à aula</b> - Síntese da aula anterior. - Situar no tema específico da relação com os bens materiais.  <b>4. Realização de ficha de trabalho</b> O professor: - Explica a tarefa: identificar bens materiais necessários. - Distribui os materiais. - Acompanha os alunos durante a realização da tarefa. - Recolhe, em diálogo, as conclusões dos alunos.  <b>5. Síntese da aula</b>	5 5  5  25  5	Quadro / Caneta   Ficha de trabalho (Anexo 4).	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade  ➤ Comportamento ajustado em sala de aula  ➤ Participação  ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas

**Proposta de Síntese:** Os bens materiais são necessários à felicidade, mas não podem ser um fim em si mesmos.

## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	17	<u>DATA:</u>	31/01/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º	<u>ESCOLARIDADE:</u>
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida					
<u>AULA N.º</u>	5	<u>SUMÁRIO</u> :	Projetos centrados no ter ou no ser. Realização de uma ficha de trabalho.			
<u>MODELO DE ENSINO CENTRADO:</u>	<u>No Aluno</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>No Professor</u>	<input type="checkbox"/>		
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha					
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz					
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes					
<u>CUMPRIMENTO DA PLANIFICAÇÃO:</u>	<u>Sim</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>Não</u>	<input type="checkbox"/>		

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

A planificação da aula foi cumprida. Os alunos intervieram de forma organizada e com motivação, embora devesse ter havido, da parte do professor, maior atenção para convocar as respostas dos alunos que habitualmente intervêm menos vezes.

### AUTOAVALIAÇÃO

Devia ter incentivado mais à participação dos alunos que o fazem menos vezes.  
 Não houve correspondência entre o sumário escrito na planificação e o que foi escrito no quadro.  
 Houve demasiada exposição do professor na introdução da aula.  
 Houve uma melhoria na gestão do tempo e houve um momento marcado de introdução à aula.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Sumário na planificação e no quadro não coincidiram.  
 Síntese da aula anterior correu bem.

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

Houve evolução em relação às correções feitas.  
 A estratégia utilizada funcionou bem, os alunos aderiram e fizeram uma boa reflexão.  
 Teria sido recomendável aprofundar mais o tema porque houve algumas incorreções (faltou o salto do «ser» ao «ser nas situações de desumanidade»).

**Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida****Sumário:** O valor do estudo, do trabalho e do esforço. Realização de uma ficha de trabalho e de um trabalho de grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	- O valor do estudo, do trabalho e do esforço.	<b>1. Acolhimento.</b> <b>2. Registo do sumário e das presenças.</b>  <b>3. Introdução à aula</b> O professor: - Situa no tema específico da necessidade do estudo, do trabalho e do esforço na construção do projeto de vida.  <b>3. Realização de uma</b> <b>4. ficha de trabalho.</b> O professor: - Distribui as fichas. - Acompanha e orienta os alunos.  <b>5. Realização de trabalho em grupos.</b> O professor: - Forma os grupos. - Explica a tarefa, que consiste em realizar um cartaz <i>publicitário</i> sobre o tema da aula. Os alunos escolherão o melhor cartaz. - Acompanha o trabalho. - Recolhe as conclusões dos grupos e pede aos alunos que elejam o melhor cartaz.  <b>6. Síntese da aula</b>	5 5  5  10  15  5	Quadro / Caneta   Ficha de trabalho (Anexo 5).  Cartolinas, canetas.	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade  ➤ Comportamento ajustado em sala de aula ➤ Participação  ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas

**Proposta de Síntese:** Na construção do projeto de vida o estudo, o trabalho e o esforço são essenciais.

## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	18	<u>DATA:</u>	07/02/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida				
<u>AULA N.º</u>	5	<u>SUMÁRIO</u> :	O valor do estudo, do trabalho e do esforço. Realização de uma ficha de trabalho e de um trabalho de grupo.		
<u>MODELO DE ENSINO</u> <u>CENTRADO:</u>	<u>No</u> <u>Aluno</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>No</u> <u>Professor</u>	<input type="checkbox"/>	
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha				
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz				
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes				
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>	<u>Sim</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>Não</u>	<input type="checkbox"/>	
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Alguns problemas na gestão do tempo destinado a cada uma das atividades. Falta de controlo do ambiente da turma na transição entre a ficha de trabalho e os trabalhos de grupo.

### AUTOAVALIAÇÃO

Alguns problemas na gestão do tempo destinado a cada atividade.  
Falta de perceção do ambiente da turma, demasiado agitado, que identificava a necessidade de transitar entre atividades.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Planificação incompleta em relação à primeira tarefa (faltavam os momentos «diálogo com os alunos» e «síntese»).

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

Na última tarefa seria importante sublinhar junto dos alunos que se trata de um cartaz *publicitário*.  
A síntese da primeira tarefa devia ter tido em conta um *feedback* aos alunos que intervieram.  
É necessário um estudo e aprofundamento dos conteúdos de forma a ter uma atitude crítica em relação àquilo que se apresenta e às intervenções dos alunos.





## Planificação das Aulas – Nível 4

### Plano de Aula

Lição nº 19 Aula nº 7

#### Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

**Sumário:** A importância da partilha de dons e bens. Realização de uma ficha de trabalho e de trabalho de grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
Q. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	2. Reconhecer os valores necessários à concretização de projetos de vida verdadeiramente humanos.	Uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: - O valor do estudo, do trabalho e do esforço. - A importância da partilha de dons e bens.	<b>1. Acolhimento.</b>	2,5	Quadro / Caneta	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade  ➤ Comportamento ajustado em sala de aula  ➤ Participação  ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas
			<b>2. Registo do sumário e das presenças.</b>	2,5		
			<b>3. Conclusão dos trabalhos de grupo</b> O professor: - Distribui os materiais pelos grupos. - Orienta os trabalhos. - Recolhe as conclusões: cada grupo apresenta o seu cartaz à turma, que escolhe o melhor.	10	Cartolinas, canetas.	
			<b>4. Leitura de um texto e realização de ficha de trabalho.</b> O professor: - Distribui os textos. - Pede a voluntários que leiam o texto em voz alta. - Orienta os alunos durante as respostas à ficha. - Solicita a alguns alunos que partilhem as suas respostas com a turma.	15	Ficha de trabalho (Anexo 6).	
			<b>5. Realização de trabalho em grupos.</b> O professor: - Explica a tarefa, que consiste em criar uma associação que ajude os outros. - Acompanha o trabalho. - Recolhe as conclusões dos grupos, pelos porta-vozes.	10	Guião orientador (Anexo 7).	
			<b>6. Síntese da aula</b>	5		

**Proposta de Síntese:** É importante partilhar com os outros o que somos e temos.

## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	19	<u>DATA:</u>	14/02/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>		3 – O Projeto de Vida			
<u>AULA N.º</u>	5	<u>SUMÁRIO</u> :	A importância da partilha de dons e bens. Realização de uma ficha de trabalho e de trabalho de grupo.		
<u>MODELO DE ENSINO</u>		<u>No</u> <u>Aluno</u>	X	<u>No</u> <u>Professor</u>	
<u>CENTRADO:</u>					
<u>ESTAGIÁRIO:</u>		André João Pereira Capinha			
<u>COOPERADOR:</u>		Maria João Reis da Cruz			
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>		Orlando Mendes			
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>		<u>Sim</u>	X	<u>Não</u>	
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Planificação algo extensa, o que impediu um maior tempo para a síntese da aula, de modo a que esta fosse feita pelos alunos e não pelo professor. Ambiente da turma demasiado ruidoso em alguns momentos.

### AUTOAVALIAÇÃO

Algumas dificuldades na gestão do tempo para cada momento da aula, sobretudo guardando espaço a uma síntese da aula feita pelos alunos.  
Dificuldades na gestão do ambiente da sala de aula, que foi, a espaços, demasiado ruidoso.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Em relação à planificação, faltou, na análise do texto, assinalar um momento de partilha das respostas dos alunos.  
A síntese da aula deveria ter sido feita pelos alunos e não pelo professor.

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

Faltou analisar o texto em grupo.  
É preciso concretizar os termos apresentados aos alunos, evitando o uso de expressões vagas como “coisas”.



Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 20 Aula nº 8

Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida

Sumário: Projetos de encontro com Deus: a vocação de Abraão. Visionamento de um vídeo. Realização de ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus.	- O projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional (Gn 12, 1-14; 15, 1-7).	<p><b>1. Acolhimento.</b></p> <p><b>2. Registo do sumário e das presenças.</b></p> <p><b>3. Conclusão dos trabalhos de grupo.</b> Os alunos: - Apresentam as conclusões dos trabalhos.</p> <p><b>4. Introdução à aula</b> O professor: - Situa no tema específico dos projetos de vida inspirados por Deus.</p> <p><b>5. Visionamento de um vídeo sobre a vocação de Abraão.</b> O professor: - Apresenta os vídeos. - Solicita aos alunos que preencham uma ficha de visionamento. - Pede a alguns alunos que partilhem as suas respostas com a turma.</p> <p><b>6. Síntese da aula</b></p>	<p>2,5</p> <p>2,5</p> <p>10</p> <p>5</p> <p>20</p> <p>5</p>	<p>Quadro / Caneta</p> <p>Projektor, Computador, colunas de som, Vídeo (Anexo 8), ficha de trabalho (Anexo 9).</p>	<p><b>O professor avalia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Assiduidade</li> <li>➤ Pontualidade</li> <li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li> <li>➤ Participação</li> <li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li> </ul>

**Proposta de Síntese:** Deus chama o ser humano a uma missão e tem um projeto para cada um.

## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	20	<u>DATA:</u>	21/02/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	<u>ESCOLARIDADE:</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida					
<u>AULA N.º</u>	5	<u>SUMÁRIO</u> :	Projetos de encontro com Deus: a vocação de Abraão. Visionamento de um vídeo. Realização de ficha de trabalho.			
<u>MODELO DE ENSINO</u> <u>CENTRADO:</u>	<u>No</u> <u>Aluno</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>No</u> <u>Professor</u>	<input checked="" type="checkbox"/>		
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha					
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz					
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes					
<u>CUMPRIMENTO DA PLANIFICAÇÃO:</u>	<u>Sim</u>	<input type="checkbox"/>	<u>Não</u>	<input checked="" type="checkbox"/>		

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Os alunos estiveram bastante interessados nas estratégias propostas, respondendo com grande qualidade às perguntas sobre o vídeo e trabalhando aplicadamente nos trabalhos de grupo.

A planificação não foi cumprida na totalidade, ficando algumas das respostas sobre o vídeo e a síntese da aula para a aula seguinte.

### AUTOAVALIAÇÃO

As estratégias aplicadas funcionaram bem.

Os trabalhos de grupo tiveram bastante qualidade e houve boas respostas às questões sobre o filme.

Alguns problemas na gestão da planificação, que não foi totalmente cumprida.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

O trabalho em sala de aula correu bem, apesar do não cumprimento da planificação.

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE

É preciso dar atenção à última questão sobre o vídeo, uma vez que nem todos os alunos são católicos ou religiosos.

Na primeira questão da ficha de trabalho onde está «quem» devia estar «quais».



Agrupamento de Escolas da Damaia

## ESCOLA EB 2/3 PEDRO D'OREY DA CUNHA

### Planificação das Aulas – Nível 4

Plano de Aula

Lição nº 21 Aula nº 9

**Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida**

**Sumário:** A fé como fonte de felicidade. Visualização e discussão de um powerpoint. Realização de ficha de trabalho.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
<p>B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.</p> <p>C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.</p>	<p>4. Reconhecer a fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.</p>	<p>- A fé como fonte de felicidade.</p> <p>- O princípio da felicidade humana nas diferentes religiões.</p> <p>- A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros (Rm 12, 9-18).</p>	<p><b>1. Acolhimento.</b></p> <p><b>2. Registo do sumário e das presenças.</b></p> <p><b>3. Conclusão da ficha de trabalho.</b> Os alunos: - Apresentam as conclusões dos trabalhos.</p> <p><b>4. Introdução à aula.</b> O professor: - Situa no tema específico da experiência de encontro com Deus como caminho de felicidade.</p> <p><b>5. Visionamento de um powerpoint.</b> O professor: - Apresenta o powerpoint. - Suscita comentários dos alunos aos slides.</p> <p><b>6. Leitura e breve análise de um texto.</b> O professor: - Distribui os textos. - Solicita a leitura por voluntários. - Orienta a resposta às questões.</p> <p><b>7. Síntese da aula</b></p>	<p>2,5</p> <p>2,5</p> <p>10</p> <p>5</p> <p>10</p> <p>10</p> <p>5</p>	<p>Quadro / Caneta</p> <p>Ficha de trabalho (Anexo 9).</p> <p>Projektor, Computador, ficheiro PPT (Anexo 10).</p> <p>Ficha de trabalho (Anexo 11).</p>	<p><b>O professor avalia:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Assiduidade</li> <li>➤ Pontualidade</li> <li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li> <li>➤ Participação</li> <li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li> </ul>

**Proposta de Síntese:** A fé pode ser um elemento constitutivo da experiência de felicidade.

## Relatório de Aula

<u>LIÇÃO</u> <u>N.º</u>	21	<u>DATA:</u>	07/03/2017	<u>ANO</u> _____ <u>DE</u>	9.º
<u>UNIDADE LETIVA</u>	3 – O Projeto de Vida				
<u>AULA N.º</u>	5	<u>SUMÁRIO</u> :	A fé como fonte de felicidade. Visualização e discussão de um powerpoint. Realização de ficha de trabalho.		
<u>MODELO DE ENSINO</u>	<u>No</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>No</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	
<u>CENTRADO:</u>	<u>Aluno</u>		<u>Professor</u>		
<u>ESTAGIÁRIO:</u>	André João Pereira Capinha				
<u>COOPERADOR:</u>	Maria João Reis da Cruz				
<u>OUTROS PARTICIPANTES:</u>	Orlando Mendes				
<u>CUMPRIMENTO</u> _____ <u>DA</u>	<u>Sim</u>	<input checked="" type="checkbox"/>	<u>Não</u>	<input type="checkbox"/>	
<u>PLANIFICAÇÃO:</u>					

### PRINCIPAIS INCIDÊNCIAS DA AULA:

Globalmente houve boa adesão às estratégias propostas, embora tenha havido alguns alunos distraídos e alguns momentos de grande agitação da sala de aula. Foi necessário substituir a apresentação em powerpoint por uma breve exposição da parte do professor, uma vez que o projetor da sala de aula se encontrava avariado.

### AUTOAVALIAÇÃO

Aula globalmente positiva, em que já foi feita uma síntese de cada um dos momentos feita de forma clara.

O momento central da aula foi, talvez, demasiado expositivo.

A ficha de trabalho resultou bem, apesar de alguma dificuldade na compreensão do exercício proposto.

### AValiação DOS OUTROS PARTICIPANTES (QUANDO APLICÁVEL)

Poderia ter havido leitura do texto em voz alta.

Houve alguns momentos em que se estava a explicar a tarefa proposta e havia agitação na sala de aula.

### AValiação DA PROFESSORA COOPERANTE


Desatenção do professor em relação a uma aluna que esteve desatenta durante quase toda a aula.

Poderia ter esclarecido que a Missa pode ser caminho de felicidade.

O que foi dito sobre as religiões podia ter sido mais aprofundado (o que implica necessidade de estudar mais a introdução à aula).

**Unidade Letiva: UL3 – O Projeto de Vida**

**Sumário:** Realização de ficha de avaliação.

<b>Metas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Estratégias</b>	 45m	<b>Recursos</b>	<b>Avaliação Formativa</b>
		- Toda a Unidade Letiva	<b>1. Realização da ficha de avaliação</b>	45	Caneta / Ficha de avaliação	<b>O professor avalia:</b>  - Corrige as fichas de avaliação.

**Proposta de Síntese:** Realização da ficha de avaliação.

### 1.3.3. Conclusões sobre a operacionalização da Unidade Letiva

De acordo com a reflexão que faço na Introdução deste Relatório Final, ao justificar os motivos para trabalhar o tema que dá título ao Relatório, surgiram, ao lecionar esta UL, algumas aprendizagens que fiz, enquanto docente. Sublinho a necessidade de consolidar cientificamente as introduções aos conteúdos apresentados e a obrigatoriedade de vincar os diferentes momentos da aula fazendo sínteses objetivas dos conteúdos apresentados e trabalhados. Aprendi, ainda, a valorizar as intervenções e sínteses dos alunos integrando-as nos diferentes momentos da aula. Na preparação dos materiais pedagógicos a utilizar em sala de aula é muito importante perceber que as aulas têm de ser significantes para os seus destinatários e que a primeira preocupação na lecionação deve ser com esse fator antes de pensar no cumprimento estrito dos tempos ou estratégias referidos na planificação.

Em relação à UL em si, a minha análise à mesma vai no sentido de a considerar pertinente e bem organizada, embora julgue necessário que nesta se torne mais evidente a distinção entre Projeto de vida e a questão profissional ou vocacional, bem como haja um espaço, previsto nos conteúdos a apresentar, que releve a importância de entender o Projeto de vida como algo que existe sempre mesmo nas nossas limitações e fracassos.

### 1.3.4. Impressões pessoais e desafios a partir da Unidade Letiva

Também já registados na Introdução do Relatório, sublinho dois desafios fundamentais. Primeiro, considerando a possibilidade de inverter a ordem das Unidades Letivas 2 e 3 (como foi a opção tomada por mim na PES) faz sentido alterar, também, a forma como se costura a continuidade programática. A narrativa assente na dignidade da vida humana garantida pelo Deus revelado em Jesus Cristo que oferece um sentido para a vida, proposta pelo Programa de EMRC, deixa de servir e é preciso construir uma nova narrativa, que assenta num projeto de vida construído sobre a dignidade da vida humana, aparecendo Deus como garante de uma vida digna e com sentido, surgindo a UL 2 como corolário, por assim dizer,



das aprendizagens feitas ao longo do Ensino Básico, rememorando as aprendizagens feitas ao longo do ciclo a partir do fenómeno religioso e sublinhando a dimensão religiosa como o essencial do Programa de EMRC. Neste caso a narrativa a trabalhar seria a de que toda a vida humana tem dignidade, mesmo aquelas que muitas vezes desprezamos e pomos nas periferias, e que a dignidade da vida humana se concretiza num projeto de vida com sentido, sentido esse que pode ser dado e consolidado pelo Deus de Jesus Cristo que acompanhou os alunos ao longo do seu percurso na disciplina durante todo o Ensino Básico.

O segundo desafio, este já relacionado com os conteúdos desta Unidade Letiva em si, tem a ver com a ausência de um discurso sobre a fragilidade no contexto do Projeto de vida. Penso que faria sentido integrar este tipo de discurso teológico, por duas ordens de razões. Por um lado, porque no sentido de construir uma continuidade entre as UL 1, 3 e 2 a integração de um discurso teológico sobre a fragilidade permite retomar conteúdos trabalhados na UL anterior. Por outro, porque a integração deste tipo de reflexão leva a que nos afastemos do risco de tornar a UL «O Projeto de Vida» num discurso de uma autoajuda cristã, ainda para mais num tempo em que alguns discursos mediáticos sobre o projeto de vida são orientados apenas para o sucesso e a obtenção da felicidade e o discurso cristão não pode ser mais um nesta lógica.

Assim, é possível refletir sobre o que seria este discurso acerca da fragilidade e de que forma ele poderia ser integrado no itinerário pedagógico da disciplina, nesta Unidade Letiva. No próximo capítulo proponho apresentar e desenvolver alguns traços gerais da Teologia da fragilidade, para sublinhar os pontos que fazem com que ela deva ser trabalhada no contexto da UL em análise.

## 2. A fragilidade. Olhar e reflexão teológica

No sentido de integrar o tema da Teologia da fragilidade na UL3 do 9.º ano de EMRC é fundamental caracterizar e apresentar alguns traços gerais desta Teologia, para que sejam estes aqueles por que se há de optar ao operacionalizar o tema para ser trabalhado em contexto letivo.

Este tema da fragilidade nunca foi de grande uso na reflexão teológica, podendo reconhecer-se que nem a experiência espiritual nem o exercício teológico em si fizeram economia da fragilidade<sup>25</sup>. Isto não implica que o tema seja desconhecido da Teologia ou até que esteja ausente do ambiente e da liturgia católicos (como se depreende dos prefácios de Todos os Santos, em que se diz que estes são «exemplo e auxílio para a nossa fragilidade», e dos Mártires, de quem se diz que «No seu martírio, Senhor, tirais força da fraqueza humana e fazeis da nossa fragilidade o testemunho da vossa grandeza»)<sup>26</sup>. Também não implica que não haja, sobretudo nos tempos mais recentes, produção literária, ética e filosófica e, inclusive, teológica acerca deste tema<sup>27</sup> da fragilidade ou vulnerabilidade<sup>28</sup>, pelo que não deixa de ser válido e até necessário reflectir sobre ele no contexto da Teologia.

Não se justificando fazer uma descrição demasiado exaustiva, apresento algumas linhas gerais de uma Teologia bíblica acerca da fragilidade (com a opção pelas cartas paulinas) e, também, a reflexão de dois teólogos sobre o tema (a minha opção justifica-se com o facto de, parece-me, fazerem uma síntese clara e elucidativa acerca desta área da Teologia, um mais na área da Teologia pastoral e outro na área da Teologia espiritual).

---

<sup>25</sup> António MARTINS, A fragilidade como categoria teológica in Américo PEREIRA (coord.), *Humanização e cuidado. Da arte de cuidar*, Editorial Caritas, Lisboa 2018, p. 39.

<sup>26</sup> António MARTINS, A fragilidade como categoria teológica, p. 39.

<sup>27</sup> No campo teológico, e socorrendo-me dos artigos referidos pelo Professor Doutor António Martins no texto acima citado, sublinho a existência dos trabalhos de E. SALMANN, *Passi e passaggi nel cristianesimo. Piccola mistagogia verso il mondo della fede*, Citadella Editrice, Assis 2011; P. IDE, *L'homme vulnerable et capable*, B. ARS (ed.), *Fragilité, dis-nous ta grandeur!*, Cerf, Paris 2013, 31-88; A. MARTINS, O paradoxo do corpo: força e fragilidade. Uma leitura cristã in A. TEIXEIRA, J. T. MENDONÇA (ed.), *Desporto, ética e transcendência*, Ed. Afrontamento, Lisboa 2016, 65-78; G. CUCCI, *La fuerza de la fragilidad. Aspectos psicológicos de la vida espiritual*, Sal Terrae, Salamanca 2014; G. CUCCI, *Abitare lo spazio della fragilità. Oltre la cultura dell'omo infirmus*, Ancora, Milano 2014; D. TRINEZ, *L'école de la fragilité*, Cerf, Paris 2008; e o já referido J. VANIER, *Jesus vulnerável*, Editorial AO, Braga 2017.

<sup>28</sup> De acordo com H. TORRALBA, Hacia una antropología de la vulnerabilidad, *Revista Forma 2* (2010), 25-26 os dois termos fragilidade (do latim *frangere*, aquilo que se pode partir e fragmentar) e vulnerabilidade (do latim *vulnus*, exposição à ferida) surgem como sinónimos, consideradas as especificidades semânticas. Também aqui os considerarei desse modo.

## 2.1. Uma teologia bíblica da fragilidade

Se fossemos fazer um percurso por todo o texto bíblico buscando textos que remetam para a fragilidade humana e a sua relação com o Projeto salvífico de Deus deparar-nos-íamos com um conjunto eventualmente demasiado vasto de textos, o que só dificultaria o objetivo deste trabalho. Por isso, e como dizia na introdução, optei por escolher um grupo mais restrito de obras neo-testamentárias onde uma Teologia, ou até uma antropologia da fragilidade, surge evidente no discurso acerca da relação entre Deus e o ser humano. Refiro-me ao conjunto das Cartas de Paulo.

A temática da fragilidade perpassa todo o *corpus* proto-paulino<sup>29</sup>. Em todas as Cartas proto-paulinas podemos encontrar referências a este tema, embora não as haja de forma direta na Carta aos Gálatas. O tema da fragilidade tem particular incidência nas Cartas aos Coríntios. Vejamos agora, em cada uma das Cartas, as referências ao tema da fragilidade do Apóstolo:

### a) Carta aos Romanos

3, 9: O Apóstolo implica-se no conjunto dos pecadores, revelando a sua frágil condição pecadora; 5, 3: A glória de Paulo é a sua fraqueza; 7, 14-25: Paulo fala do dinamismo do pecado em si; 8, 26: O Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza.

### b) 1.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios

1, 17-31: A questão da loucura de Deus, onde o versículo 25 que remete para a fraqueza de Deus; 2, 1-5: Paulo revela a grandeza de Deus pela sua fraqueza, a sua única arma é o Evangelho de Jesus; 3, 5: Paulo reduz-se à sua condição de servo; 3, 18-19: Paulo volta a referir-se à loucura de Deus; 4, 9-13: Os Apóstolos são postos no último lugar; 9, 19 ss.: Paulo faz-se escravo de todos; 15, 8-9: Paulo identifica-se como um aborto e o menor dos Apóstolos.

### c) 2.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios

---

<sup>29</sup> Conjunto de sete Cartas, dentre as canónicas atribuídas a São Paulo, que os métodos de investigação exegética confirmam como efetivamente desse autor. Compreende as Cartas aos Romanos, 1-2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filémon.

1, 4-10: Paulo identifica-se com os sofrimentos de Cristo e fala das tribulações que sofre; 2, 1-4: Paulo fala da tristeza porque passa; 4, 7-12: o cristão traz um tesouro em vasos de barro; 6, 4 ss.: o Apóstolo fala das provações por que passa; 11, 7: Paulo fala na sua auto-humilhação; 11, 23: O orgulho de Paulo é a sua fraqueza; 12, 1-10: Paulo prefere gloriar-se nas suas fraquezas; 13, 4: Nós somos fracos em Jesus Cristo.

d) Carta aos Filipenses

1, 7.13.17: Paulo fala abertamente da sua prisão; 3, 7: Paulo considera tudo como perda por amor de Cristo.

e) 1.<sup>a</sup> Carta aos Tessalonicenses

2, 2: Paulo refere-se aos insultos sofridos por causa de Cristo.

f) Carta a Filémon

1: Paulo refere-se à sua prisão; 8-9: Paulo na sua condição de ancião e prisioneiro.

Verifica-se, assim, que abranger este vasto conjunto de textos seria moroso e não iria de encontro ao que é o propósito deste Relatório Final, pelo que opto por trabalhar e analisar apenas dois textos, que irei analisar em seguida.

### 2.1.1. A fragilidade em 1 Cor 1, 25

Portanto, o que é tido como loucura de Deus, é mais sábio que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte que os homens.

1 Cor 1, 25 é um texto particularmente interessante porque nos introduz no tema da fragilidade de Deus<sup>30</sup>. É uma passagem de tradução difícil, como se observa em duas traduções portuguesas, a do padre Matos Soares (de 1960), que diz «porque (aquilo que os homens julgam ser) loucura de Deus é mais sábio do que os homens; e (aquilo que os homens julgam ser) fraqueza de Deus, é mais forte do que os homens» ou a tradução da Nova Bíblia dos Capuchinhos (de 2005, que sigo neste Relatório Final), que propõe «Portanto, o que é

---

<sup>30</sup> Cf. José Tolentino MENDONÇA, A fragilidade de Deus: Notas sobre um paradoxo paulino (1 Cor 1, 25), *Didaskalia* 2 (2015), p. 131.

tido como loucura de Deus, é mais sábio do que os homens, e o que é tido como fraqueza de Deus, é mais forte do que os homens»<sup>31</sup>. Em ambos os casos foge-se de uma afirmação peremptória em relação à loucura e à fraqueza de Deus, que poderia implicar assumir uma fragilidade divina que poria em causa o edifício teológico<sup>32</sup>. Neste sentido, a fragilidade divina só faz sentido se enquadrada no contexto da dimensão messiânica de Jesus, no contexto do que é referido no Cântico do Servo de Isaías (Is 53, 4)<sup>33</sup>.

Neste texto são fundamentais dois conceitos. Primeiro, o da «loucura de Deus» e, depois, o da «fragilidade de Deus». Apresentarei, primeiro, algumas linhas sobre o conceito de «loucura de Deus» e, em seguida, sobre o conceito de «fragilidade de Deus» (entendendo-se que, em sentido lato, ambos questionam uma certa imagem de um Deus onipotente e distante do humano).

Para pensar o que será isto de «loucura de Deus» diria que, como nos indica Frédéric Le Gal, no artigo *L'Évangile de la folie sainte*, nem sempre, na cultura do período veterotestamentário, a loucura (*môria*, do grego) foi vista como algo negativo. Este autor remete para o *Fedro*, de Platão, onde se afirma que pode haver dois tipos de loucura, uma vinda dos homens e uma outra, divina, que teria uma conotação positiva, como que sinal de uma ironia divina<sup>34</sup>. Outra referência importante, podemos tomá-la do âmbito do teatro grego, que certamente não seria algo alheio a Paulo<sup>35</sup>, onde a figura do louco<sup>36</sup> surge na comédia como uma figura que, apesar da sua aparência negativa, tem uma função positiva<sup>37</sup>. A novidade absoluta quanto a esta conotação positiva da loucura chegar-nos-á com Jesus Cristo. Como resposta à loucura humana que desumaniza, despreza a Sabedoria e afasta de Deus, o próprio Deus manda o Seu Filho para assumir a condição humana na sua totalidade<sup>38</sup>.

---

<sup>31</sup> Cf. *Ibidem*, p. 132.

<sup>32</sup> Cf. TEODOTO DE ANCIRA, *Omilie cristologiche e mariane*, Città Nuova, Roma 1992, p. 46.

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*, p. 46.

<sup>34</sup> Cf. Frédéric LE GAL, “L'Évangile de la folie sainte”, *Recherches de Science Religieuse* 3 (2001) 420.

<sup>35</sup> Cf. Jerome MURPHY-O'CONNOR, *Paulo - um homem inquieto, um Apóstolo insuperável*, Paulinas, Prior Velho 2008, p. 21-23.

<sup>36</sup> De acordo com o estudo de Larry L. WELBORN, *Paul, the Fool of Christ: A Study of 1 Corinthians 1-4 in the Comic-Philosophic Tradition*, T & T Clark International, New York 2005, a categoria da «loucura de Deus» é enriquecida pela influência do teatro grego, no qual existe a figura do louco/idiota, personagem que introduz na comédia grega o tipo de sabedoria a que aludo neste estudo.

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*, p. 34-48.

<sup>38</sup> Cf. Frédéric LE GAL, “L'Évangile de la folie sainte”, p. 424. Esta imagem tornar-se-á relevante, primeiro com Paulo, depois com várias figuras ligadas à tradição das Igrejas Ortodoxas - os *Santos Idiotas*, юродивый [yurodivy],

Jesus surge como encarnação da Sabedoria, mas uma Sabedoria que é contrária à dos homens, visto que essa, por si só, não lhes permitiu chegar à Sabedoria de Deus (cf. 1 Cor 1, 21). Jesus surge como face visível da Sabedoria de Deus, mas através dum meio, a Cruz, que converte essa Sabedoria em loucura<sup>39</sup>. A Sabedoria de Deus torna-se paradoxal: como pode Deus passar-se por louco, insensato, aos olhos de todos, morrer numa cruz? Efetivamente, a loucura é o ponto mais baixo a que Deus pode descer na sua humanidade<sup>40</sup>.

Esta descida ao mínimo da humanidade, Jesus fá-la para converter a loucura do pecado em Sabedoria divina (de resto, como encontramos no capítulo 4 da 1.<sup>a</sup> Carta aos Coríntios). Se o homem não é capaz de conhecer Deus pelos próprios meios, o próprio Deus dá-Se a conhecer, mas de um modo totalmente inesperado, que é, de facto, idiota<sup>41</sup> (tanto que leva as pessoas a perguntar: «Não é este o filho de José?» [Lc 4, 22]; «Quem é este que até perdoa os pecados?» [Lc 7, 49]).

O próprio Jesus chegou a ser visto como um louco ou endemoninhado pelas pessoas do seu tempo, como vemos, por exemplo, em Jo 10, 20<sup>42</sup>. Outro exemplo da loucura de Jesus são as parábolas, que se apresentam como textos cujo sentido é o não sentido<sup>43</sup>.

Uma Teologia que toma mais a sério esta dimensão da loucura de Cristo começará a ser desenvolvida, particularmente, por São Paulo. Neste sentido, Le Gal, que temos vindo a acompanhar, aproxima-se do que diz Paul Ricoeur acerca da relação entre narrativa e a vida. Escreve o filósofo francês:

Responder à questão “quem?”, como o dissera energicamente Hannah Arendt, é contar a história de uma vida. A história narrada diz o quem da acção. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa<sup>44</sup>.

---

russo, mais tarde com Dostoiévski, em *O Idiota*, Presença, Lisboa 2007, ou com Teixeira de Pascoaes, em *O Pobre Tolo*, Assírio & Alvim, Lisboa 2000.

<sup>39</sup> Cf. Martin HENGEL, *La crucifixion dans l'Antiquité et la folie du message de la croix*, Cerf, Paris 1981, p. 34.

<sup>40</sup> Cf. Frédéric LE GAL, “L'Évangile de la folie sainte”, p. 427.

<sup>41</sup> Cf. *Ibidem*, p. 429.

<sup>42</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>43</sup> Frédéric Le Gal sublinha três: Mt 7, 21-27, sobre o verdadeiro discípulo; Lc 12, 16-21, a parábola do rico insensato, e Mt 25, 1-13, a parábola das dez virgens.

<sup>44</sup> Paul RICOEUR, *Tempo e narrativa*, tomo III, Papirus Editora, Campinas 1997, p. 424.

Paulo trata da loucura de Cristo porque essa é a sua própria história, é como louco que Jesus se lhe apresenta: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues» (Act 9, 5). É também por isso que Paulo diz de si mesmo, em 1 Cor 4, 10, ser louco por causa de Cristo. Se a própria sabedoria de Jesus se apresenta como loucura, então aquele que se encontra com Jesus não pode senão socorrer-se do mesmo tipo de sabedoria.

Por outro lado, Paulo vai buscar à linguagem teatral um outro contexto para se referir a este tema da fragilidade (não esqueçamos que Paulo prega, pelo menos, no teatro de Éfeso, como nos relata Act 19, 29.31 e que, como refere Jerome Murphy-O'Connor na sua biografia de Paulo, o Apóstolo tinha formação de matriz grega e latina). A esta tradição cultural distinta da de matriz bíblica, Paulo vai resgatar a noção do louco como aquele que, deslocado do centro (no teatro não seria nenhum dos personagens principais em cena, antes alguém “lateral”, que passa mais despercebido), vai ao fundo do que está a ser tratado e chega ao cerne da questão, muitas vezes dizendo o que aos outros personagens não é permitido<sup>45</sup>. A loucura já não é, assim, um sinal de fraqueza, mas uma arma que dá força.

Uma última referência pertinente deve ser feita à relação entre o conceito de loucura de Deus e a reflexão da filosofia socrática e cínica. O contacto de Paulo com o saber filosófico, durante a sua formação em Tarso, terá contribuído decisivamente para o estabelecer de armas retóricas, entre elas esta de usar a ironia e a própria fragilidade como *captatio benevolentia*.

De facto, J. W. MacGorman, no seu comentário à Primeira Carta aos Coríntios<sup>46</sup>, mostra como Paulo, no capítulo 4, constrói a sua retórica como sátira e a partir destas metáforas de fragilidade. Opondo os Apóstolos aos Coríntios, Paulo diz dos segundos: «Vocês já estão cheios; tornaram-se ricos; e sem nós tornaram-se reis!» (v. 8); «Vocês são sábios em Cristo» (v. 10); «Vocês são fortes» (v. 10); «Vocês estão cheios de honra» (v. 10) e diz dos Apóstolos [de si]: «Deus pôs-nos a nós, os apóstolos, no último lugar, como se fôssemos condenados à

---

<sup>45</sup> Ao ler *O Idiota* percebemos como Dostoiévski aplica esta função à figura do príncipe Michkin. Na mesma obra percebemos como o idiota é alguém mascarado de aparente fragilidade, inclusive mental [embora «idiota» nunca seja, na obra, sinónimo de louco], mas que se revela portador de capacidades [inteligência, atitudes] positivamente desconcertantes.

<sup>46</sup> Cf. J. W. MACGORMAN, *Layman's Bible Book Commentary*, vol. 20, Broadman Press, Nashville 1980, p. 111.

morte, porque nos tornámos espetáculo para o mundo» (v. 9); «Por causa de Cristo somos loucos» (v. 10); «Somos fracos» (v. 10); «Tornámo-nos, até ao presente, como o lixo do mundo e a escória do universo» (v. 13).

Realmente, se olharmos ao fundamento principal da filosofia cínica - e lembremos que Paulo se cruzou com diversos grupos filosóficos, conhecendo inclusive as formas de dialogar com eles (cf. Act 17, 22-34) -, «Vejam de quantas coisas o ateniense precisa para viver», vemos como a partir daí se pode chegar à questão da loucura de Deus: a verdadeira riqueza e a verdadeira sabedoria estão em despojar-se de tudo para que possa ser a Sabedoria de Deus a ocupar esse lugar. Como dizia São João Baptista, «Ele é que deve crescer, e eu diminuir» (Jo 3, 30). O Homem precisa de despojar-se de si, de sair do centro, para se encontrar no meio do próprio acontecimento.

Em relação ao tópico da «fragilidade de Deus» podemos começar por pôr duas questões. Primeiro, como é que Paulo chega a este tópico da fragilidade de Deus? Depois, se a fragilidade de Deus é realmente enfrentada por Paulo neste versículo ou se este tema é instrumento para refletir sobre outro tópico teológico, como o da potência de Deus?<sup>47</sup>

No que toca à primeira das questões, Maria Teresa Giordano sugere que este seja um tópico a que Paulo chega por si mesmo<sup>48</sup>, por meio de um raciocínio por inferência: «em Cristo crucificado, a assunção das qualidades dos derrotados, bem como da loucura e da fraqueza tidas como absurdas pelos homens, resulta porém, enquanto expressão condensada do agir divino e da lógica vitoriosa do Pai, sabedoria e força insuperáveis». Como disse há pouco, ao falar sobre a loucura de Deus, esta reflexão paulina surge a partir de uma *Theologia crucis*. No referente à segunda das perguntas enunciadas por José Tolentino Mendonça, importa começar por dizer que não se pode deduzir deste texto que Paulo esteja a afirmar que Deus é louco e é fraco<sup>49</sup>. O objetivo de Paulo é recorrer a um paradoxo, no sentido de persuadir quem o lê<sup>50</sup>. O que Paulo pretende mostrar é que o mundo é que tem uma visão insuficiente

---

<sup>47</sup> Cf. José Tolentino MENDONÇA, *A fragilidade de Deus*, p. 136.

<sup>48</sup> Maria Teresa GIORDANO, *La parola della croce: l'itinerario paradossale della sapienza divina in 1 Cor 1, 18-3, 4*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma 2010, p. 116.

<sup>49</sup> Cf. José Tolentino MENDONÇA, *A fragilidade de Deus*, p. 137.

<sup>50</sup> Cf. *Ibidem*.



e limitada de Deus, o mundo é que não entende que a revelação de Deus na Cruz se faz em novos moldes<sup>51</sup>. A afirmação de Paulo significa que a própria existência cristã não se pode fazer sem assumir este paradoxo que surge no próprio momento da cruz<sup>52</sup>. O cristianismo deve passar por uma purificação da imagem de Deus, deixando a hipervalorização da Sua força e do Seu poder<sup>53</sup>.

### 2.2.2. A fragilidade em 2 Cor 12, 1-10

<sup>1</sup>É necessário que me glorie? Na verdade, não convém! Apesar disso, recorrerei às visões e revelações do Senhor. <sup>2</sup>Sei de um homem, em Cristo, que, há catorze anos - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! - foi arrebatado até ao terceiro céu. <sup>3</sup>E sei que esse homem - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! - foi arrebatado até ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que não é permitido a um homem repetir. <sup>5</sup>Desse homem gloriar-me-ei; mas de mim próprio não me hei-de gloriar, a não ser das minhas fraquezas. <sup>6</sup>Decerto, se quisesse gloriar-me, não seria insensato, pois diria a verdade. Mas abstenho-me, não vá alguém formar de mim um juízo superior ao que vê em mim ou ouve dizer de mim. <sup>7</sup>E porque essas revelações eram extraordinárias, para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. <sup>8</sup>A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. <sup>9</sup>Mas Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza.» De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. <sup>10</sup>Por isso me comprazo nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.

---

<sup>51</sup> Cf. *Ibidem*, p. 138.

<sup>52</sup> Cf. Chantal REYNIER, *La langage de la croix dans le corpus paulinien*, Association Catholique Française pour l'Étude de la Bible, Paul de Tarse, Cerf, Paris 1996, p. 372.

<sup>53</sup> Cf. José Tolentino MENDONÇA, *A fragilidade de Deus*, p. 138.

Este texto, sendo mais estudado devido à visão que nele é relatada e que remete para a questão do paraíso<sup>54</sup>, não deixa de trazer de novo o tema da fragilidade. Aqui, mais do que o tema da fragilidade de Deus, como temos em 1 Cor 1, 25, encontramos a afirmação da fragilidade do Apóstolo (v. 9-10).

O capítulo 12 da Segunda Carta aos Coríntios pertence a uma secção da referida Carta identificada como “carta severa ou dolorosa”<sup>55</sup>. Paulo acabou de descrever as dificuldades por que passou para levar o Evangelho (11, 23-28), incluindo a sua fuga de Damasco (11, 30-33), pelo que se percebe como surge, aqui, um discurso de afirmação da sua fraqueza<sup>56</sup>.

Nesta secção da Carta, Paulo enfrenta os seus oponentes, que haviam invadido Corinto<sup>57</sup>. Entre outras coisas, eles questionam o lugar de Paulo como Apóstolo devido à sua pobreza espiritual; para os adversários de Paulo, este não tem uma experiência extática que justifique a sua missão<sup>58</sup>. É por isso que Paulo, num “discurso de louco”<sup>59</sup>, contraataca e responde com sarcasmo. É por isso que Paulo fala em visões e revelações, uma experiência sua que ele descreve na terceira pessoa para, segundo os exegetas, não fazer dessa experiência algo normativo<sup>60</sup>.

Este texto combina um discurso de género literário apocalipse com um relato de milagre. William Baird considera que isto acontece porque o texto apocalíptico, aqui, não faz o que seria suposto fazer, oferecer uma revelação<sup>61</sup>, e essa tarefa acaba por ser cumprida pelo relato do milagre. Jesus ressuscitado aparece a Paulo e fala-lhe diretamente: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza» (v. 9). Os exegetas afirmam que o texto se constrói desta forma porque Paulo não quer que entendam que o seu ministério se

---

<sup>54</sup> A título de exemplo, refiro as obras de James Buchanan WALLACE, *Snatched into Paradise (2 Cor 12:1-10): Paul's Heavenly Journey in the Context of Early Christian Experience*, De Gruyter, Berlim/Nova Iorque 2011; C. R. A. MORRAY-JONES, *Paradise Revisited (2 Cor 12:1-12): The Jewish Mystical Background of Paul's Apostolate. Part 1: The Jewish Sources*, *The Harvard Theological Review*, 2 (1993), 177-217; C. R. A. MORRAY-JONES, *Paradise Revisited (2 Cor 12:1-12): The Jewish Mystical Background of Paul's Apostolate. Part 2: Paul's Heavenly Ascent and Its Significance*, *The Harvard Theological Review*, 3 (1993), 265-292; Richard WALSH, “Realizing” Paul's Visions: The New Testament, Caravaggio, and Paxton's *Frailty*, *Biblical Interpretation* 18 (2010), 28-51.

<sup>55</sup> Cf. William BAIRD, *Visions, Revelation, and Ministry: Reflections on 2 Cor 12:1-5 and Gal 1:11-17*, *Journal of Biblical Literature* 4 (1985), p. 651.

<sup>56</sup> Cf. *Ibidem*, p. 651.

<sup>57</sup> Cf. *Ibidem*, p. 653.

<sup>58</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>59</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>60</sup> Cf. *Ibidem*, p. 654.

<sup>61</sup> Cf. *Ibidem*, p. 661.

funda numa experiência de tipo extático<sup>62</sup>. Paulo prefere fundar o seu ministério sobre as fraquezas de que se pode orgulhar (v. 5), fraquezas nas quais o poder de Cristo se pode perceber<sup>63</sup>. Essa fraqueza é sublinhada pela experiência do “espinho cravado na carne” (v. 7) e a revelação que essa experiência proporcionou, a de que o poder de Cristo opera na fraqueza. O ministério de Paulo, com o seu longo catálogo de fraquezas (2 Cor 11, 24-29), foi projetado para se conformar ao modo de trabalhar de Deus (1 Cor 1, 23-24) - como poder na fraqueza<sup>64</sup>. O ministério de Paulo é garantido e fundado nos sinais públicos do seu sofrimento em favor do Evangelho<sup>65</sup>.

Paulo compreende a profundidade da sua própria experiência, mas assimila a experiência das suas comunidades na evolução de uma Teologia pastoral, procurando liderar pela persuasão. Também aqui Paulo é herdeiro da sua formação em Tarso, um grande centro da retórica do mundo Antigo, estando no registo psicológico da direção espiritual<sup>66</sup>.

Não devemos entender, neste contexto, a fraqueza como algo em oposição binária à força<sup>67</sup>, como se a força em qualquer contexto fosse sempre algo a ser evitado - antropologicamente, e no contexto a que me quero referir, a fragilidade não surge como escolha mas como inevitabilidade da condição humana. Como diz Paulo «quando sou fraco, então é que sou forte» (v. 10). Aqui, o Apóstolo quer afirmar o reino de Deus como «a “força fraca” do perdão, sobre o “poder sem poder” da não-violência, sobre viver como os lírios do campo. É uma força, uma força verdadeira, mas é força fraca ou não violenta»<sup>68</sup>. O poder de Deus, manifestado aqui, «é um poder, um verdadeiro poder, mas um poder sem poder, não poder como o mundo o conhece, não o poder de retaliação nesta vida ou na próxima»<sup>69</sup>. É antes o poder impotente do perdão como tal, do perdão puro. O que Paulo faz é a afirmação do

---

<sup>62</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>64</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>65</sup> Cf. *Ibidem*, p. 662.

<sup>66</sup> Cf. John R. DONAHUE, Model of Persuasion, Pastoral theology and practice in Paul's letters, *America* 10 (2008), p. 15.

<sup>67</sup> Cf. John D. CAPUTO, A Short Précis of *The Weakness of God* and *The Insistence of God*, *Forum Third Series* 5:2 (2016), p. 113.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>69</sup> *Ibidem*.

poder do perdão. A força fraca do reino de Deus, então, é a força de uma afirmação que é feita sobre nós incondicionalmente<sup>70</sup>.

O objetivo do Apóstolo é afirmar um reino que não necessita de um super-Ser, um ser-Deus para comandá-lo ou aplicá-lo<sup>71</sup>, mas se serve da fragilidade para, paradoxalmente, mostrar a sua força.

## **2.2. A reflexão teológica contemporânea sobre a fragilidade**

Para apresentar a reflexão da Teologia contemporânea sobre este tema da fragilidade centro-me em duas obras que considero fundamentais, uma mais da área da Teologia Pastoral e a outra da Teologia espiritual. Em ambos os casos a questão da fragilidade é tratada de forma clara, pondo em evidência algumas pistas que me parecem relevantes para o estudo que faço neste Relatório Final. Refiro-me às obras *O meu Deus é um Deus ferido*, de Tomáš Halík<sup>72</sup>, esta no contexto de uma Teologia pastoral, e *Jesus vulnerável*, de Jean Vanier, no âmbito de uma Teologia espiritual. A opção pela obra de Halík justifica-se com o facto de ser uma reflexão recente e bem fundamentada sobre o tema da fragilidade no contexto da vida cristã. O mesmo propósito levou à opção por *Jesus vulnerável*, acrescentando-se aqui o eco que a obra faz do que é a experiência da comunidade francesa A Arca, comunidade que acolhe pessoas em situações de vida frágil, sobretudo doentes mentais e pessoas com deficiências profundas.

### **2.2.1. O meu Deus é um Deus ferido**

Tomáš Halík escolhe como tema central da obra *O meu Deus é um Deus ferido* a necessidade de assumir que reconhecer Cristo, como no episódio de Tomé<sup>73</sup>, é reconhecer as suas

---

<sup>70</sup> Cf. *Ibidem*, p. 113-114.

<sup>71</sup> Cf. *Ibidem*, p. 114.

<sup>72</sup> Tomáš HALÍK, *O meu Deus é um Deus ferido*.

<sup>73</sup> Jo 20, 24-29.

chagas<sup>74</sup>. Halík propõe uma Teologia encarnada e onde o sofrimento não é uma realidade sonogada e escondida: «onde tu tocares no sofrimento humano - e talvez só aí! - ficas a saber que eu estou vivo, que “Eu sou”»<sup>75</sup>. Para este teólogo a identificação com Jesus é feita «quando tomamos sobre nós a nossa cruz e estamos preparados também para carregar com o fardo dos outros»<sup>76</sup>, quando reconhecemos que como «Deus, Senhor da Antiga Aliança, aparece a Moisés na sarça-ardente; o seu Filho unigénito, nosso Senhor e Deus, aparece no fogo do sofrimento, na cruz»<sup>77</sup>: a cruz surge como lugar de aparição de Deus, de revelação. Halík remete para Pascal para se referir à importância de integrar o sofrimento na relação com Deus: «os que conheceram Deus sem conhecerem a sua própria miséria, não o louvaram, mas enalteciam-se a si mesmos»<sup>78</sup>. O teólogo checo afirma que a nossa experiência de sofrimento, não só físico como psicológico e espiritual, onde se integra a sensação de abandono, faz parte da nossa experiência pessoal de Deus (como diria Bonhoeffer, «o Deus que está connosco é o Deus que nos deixa»)<sup>79</sup>. As nossas feridas (nossas pessoais e as dos que nos rodeiam) podem ser possibilidade ou separação não só das nossas relações interpessoais como da nossa relação com Deus, podem ser possibilidade de sentido da vida<sup>80</sup>. O sofrimento não é necessariamente absurdo e contraditório, pode ser caminho de apreensão de sentido, de um sentido maior que o simples sofrer e suportar a dor<sup>81</sup>.

É ainda sublinhado que Deus se relaciona connosco no corpo, enquanto este é ícone e veículo de relação, também com as suas chagas e defeitos<sup>82</sup>. Cristo, o que venceu a morte, surge aqui como elemento transformador de sentido, mudando não só a nossa forma de lidar com as dores físicas como com outras realidades que, como os outros de quem não gostamos, nos são desagradáveis<sup>83</sup>. Para Halík é importante assumir o sofrimento e as feridas porque, como diziam os Padres da Igreja, «o que não é assumido não pode ser redimido»<sup>84</sup>. Jesus

---

<sup>74</sup> Cf. Tomáš HALÍK, *O meu Deus é um Deus ferido*, p. 43.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>76</sup> *Ibidem*.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> Blaise PASCAL, *Pensamentos*, Europa-América, Lisboa 1998, Fragmento XXXII.

<sup>79</sup> Cf. Tomáš HALÍK, *Idem*, p. 99.

<sup>80</sup> Cf. *Ibidem*, p. 123-124.

<sup>81</sup> Cf. *Ibidem*, p. 124.

<sup>82</sup> Cf. *Ibidem*, p. 152.

<sup>83</sup> Cf. *Ibidem*, p. 206.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 213.

Ressuscitado é o modelo e paradigma da dor vencida, da certeza de que o sofrimento e a morte não têm a última palavra<sup>85</sup>. É por isso que Cristo se nos expressa no sofrimento e na dor, nos exige uma «fé ferida»<sup>86</sup>, nos pede uma atenção especial à sua linguagem nas feridas do mundo<sup>87</sup>.

Deste modo, não poderá haver uma via cristã séria que esconda o sofrimento. Aliás, não pode haver uma via cristã séria que não assuma o sofrimento (como na história da visita de Satanás a São Martinho, sob a figura de Cristo, em que o Santo reconhece tratar-se do demónio por não mostrar as suas chagas<sup>88</sup>). Não há verdadeiro cristianismo nem verdadeiro testemunho cristão sem que se assumam as feridas, as nossas feridas, os nossos defeitos e não se transformem estes em formas de configuração com o Deus ferido que Se revela.

### 2.2.2. Jesus vulnerável

*Jesus vulnerável* é construído a partir de um conjunto de textos usados por Jean Vanier na pregação de um retiro de Semana Santa, em 2010, na Quinta de Trosly<sup>89</sup>. O objetivo do autor é apresentar um «Jesus vulnerável que me acolhe como eu sou, com as minhas vulnerabilidades, e desejo que muitas outras pessoas O possam conhecer na sua pobreza e na sua humildade, e aprendam a viver uma relação profunda com Ele»<sup>90</sup>. Esta experiência da vulnerabilidade de Jesus, Vanier fá-la desde que fundou A Arca, uma comunidade de acolhimento de pessoas com deficiência mental, em 1964<sup>91</sup>.

O percurso de apresentação da vulnerabilidade de Jesus é feito em cinco passos, de acordo com o percurso de Cristo na Paixão. Primeiro, Vanier fala-nos sobre a vulnerabilidade de Jesus a partir da sua encarnação, partindo do texto do prólogo do Evangelho segundo São João<sup>92</sup>. Assumir a carne humana é assumir uma condição naturalmente frágil, uma vida frágil

---

<sup>85</sup> Cf. *Ibidem*, p. 227.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 233.

<sup>87</sup> Cf. *Ibidem*, p. 236.

<sup>88</sup> Cf. *Ibidem*, p. 16.

<sup>89</sup> Cf. Jean VANIER, *Jesus vulnerável*, p. 8.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

<sup>91</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5.

<sup>92</sup> Cf. *Ibidem*, p. 9-30.

sujeita a acidentes, doenças e crises<sup>93</sup>, sujeita a momentos de angústia<sup>94</sup>, uma angústia que só pode ser superada por uma atitude de acolhimento e amor<sup>95</sup>. Este amor passa pela aceitação de si mesmo, com aquilo que temos de bom e também com as nossas dificuldades e defeitos<sup>96</sup>. Jesus vulnerável é o Jesus que espera a nossa resposta amorosa sem se impor<sup>97</sup>. O segundo passo é o momento do lava-pés<sup>98</sup>. Jesus frágil é Aquele que se deixa ver por quem tem o desejo de estar com Ele<sup>99</sup>, é sobretudo o Jesus servo que se ajoelha perante os seus discípulos e lhes lava os pés<sup>100</sup>.

O terceiro momento da apresentação de Jesus vulnerável é o da prisão de Jesus no horto das oliveiras<sup>101</sup>. Aqui temos a vulnerabilidade de um homem que se faz pequeno ao ponto de se deixar prender, tanto que colhe a incompreensão de Pedro<sup>102</sup>. Jesus que sofre ao ponto de morrer e de expor ao sofrimento a Sua mãe, que o acompanha junto à cruz<sup>103</sup>.

O quarto momento da afirmação da fragilidade de Jesus é o acontecimento da Ressurreição<sup>104</sup>. Para Vanier, a Ressurreição tem algo de pequeno e vulnerável, na medida em que ela implica um amor oferecido e não conservado para si<sup>105</sup>. A vulnerabilidade da Ressurreição também se manifesta no facto de Jesus não aparecido com espectacularidade, mas antes ter escolhido revelar-Se a um conjunto restrito de pessoas, e pessoas que se encontravam entre os excluídos da sociedade, de acordo com o prenúncio evangélico de Lc 14, 13<sup>106</sup>. Jesus escolhe aparecer aos mais fracos e a estes como são<sup>107</sup>.

O quinto momento é o da aparição de Jesus a Maria Madalena junto ao sepulcro vazio<sup>108</sup>. Aqui, a vulnerabilidade de Jesus manifesta-se na pequenez do encontro pessoal<sup>109</sup>, da

---

<sup>93</sup> Cf. *Ibidem*, p. 12.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*, p. 14.

<sup>95</sup> Cf. *Ibidem*, p. 15-21.

<sup>96</sup> Cf. *Ibidem*, p. 15.

<sup>97</sup> Cf. *Ibidem*, p. 21-26.

<sup>98</sup> Cf. *Ibidem*, p. 31-58.

<sup>99</sup> Cf. *Ibidem*, p. 39-40.

<sup>100</sup> Cf. *Ibidem*, p. 50-58.

<sup>101</sup> Cf. *Ibidem*, p. 59-86.

<sup>102</sup> Cf. *Ibidem*, p. 64-65.

<sup>103</sup> Cf. *Ibidem*, p. 71-86.

<sup>104</sup> Cf. *Ibidem*, p. 87-110.

<sup>105</sup> Cf. *Ibidem*, p. 89.

<sup>106</sup> Cf. *Ibidem*, p. 95-103.

<sup>107</sup> Cf. *Ibidem*, p. 106-108.

<sup>108</sup> Cf. *Ibidem*, p. 111-130.

<sup>109</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115-116.

comoção presente no desespero humano<sup>110</sup>, no espanto humano com a Ressurreição de Jesus e a certeza de que Ele está vivo<sup>111</sup>.

Para Jean Vanier, este percurso pela vulnerabilidade de Jesus deve levar aqueles que têm uma relação pessoal com Ele a sentir-se eles mesmos vulneráveis e eles mesmos a sentir-se chamados a acolher e amar os mais vulneráveis, com quem todos temos a aprender e escutar, e, também, a aceitar as suas próprias vulnerabilidades<sup>112</sup>.

### 2.3. Síntese da reflexão bíblico-teológica

A partir da reflexão feita pelos autores bíblicos e teológicos apresentados neste segundo capítulo do Relatório o que nos é dado entender é que não há experiência de vida e experiência de fé que não comporte uma dimensão de fragilidade e sofrimento. A condição humana é marcada pela experiência da finitude (no limite, da morte), do sofrimento, das fraquezas e limitações, por inúmeras experiências de não-sentido (sobretudo quando nos acontece o contrário do que seria uma “natural” consequência moral dos nossos atos, na lógica simplista do que se entende como o *karma* das tradições religiosas hinduísta ou budista).

O que nos é dado compreender é que o cristianismo tem um Deus que se serve de homens frágeis para ser anunciado, tem um Deus que se faz a Ele mesmo fraco e que experimenta o sofrimento humano até ao limite de se entregar à morte, ao limite do inteligível pela razão humana.

Se a experiência cristã, ao longo de uma história de dois mil anos, é esta, a reflexão sobre um tema como o projeto de vida não pode fugir desta dimensão. A forma como se afirma a concretização de um projeto de vida no contexto da experiência cristã não pode ficar pela afirmação do cristianismo como caminho para a felicidade enquanto amor a Deus e ao

---

<sup>110</sup> Cf. *Ibidem*, p. 120-121.

<sup>111</sup> Cf. *Ibidem*, p. 121.

<sup>112</sup> Cf. *Ibidem*, p. 131-133.



próximo sem o entendimento claro de que esse amor se vive muitas vezes num contexto humanamente difícil, com dificuldades e incompreensões.

É importante que os alunos, ao trabalhar este tema no contexto das suas aulas de EMRC, fiquem com a ideia clara de que não existem projetos de vida orientados em escala crescente para a felicidade, sem escolhos no caminho e sem esforços que pareçam vãos e não surjam no contexto tolerável da prossecução de objetivos. As limitações próprias da condição humana fazem com que haja objetivos inatingíveis e a fragilidade que nos é inerente leva a que o caminho da vida não seja linear e também tenhamos fracassos. A consciência de que essas limitações e fracassos não têm a última palavra e que devemos à partida contar com eles, é o que nos deve pensar que é possível, mesmo com eles, concretizar um projeto de vida. O projeto de vida existe com e apesar da fragilidade e não sem que esta exista.

A partir da reflexão feita neste capítulo, apresento em seguida uma investigação da presença deste tema no Programa de EMRC para aferir de que modo este pode ser trabalhado na UL em análise.

### 3. A presença da reflexão teológica sobre a fragilidade na UL 3 do 9.º ano «O Projeto de Vida»

#### 3.1. As metas, objetivos e conteúdos trabalhados na UL

Para que esta seja de fácil leitura e nos apresente um panorama geral da forma como se equilibram os conteúdos trabalhados em cada meta e domínio apresento na tabela seguinte, a partir do Programa de EMRC na sua edição de 2014<sup>113</sup>, os objetivos e conteúdos programáticos organizados de acordo com os domínios e metas curriculares. Segue-se uma breve análise sobre o equilíbrio dos conteúdos trabalhados em cada domínio, metas e objetivos.

Domínios	Metas	Objetivos	Conteúdos programáticos
ÉTICA E MORAL	Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Identificar a necessidade e a importância dos Projetos na vida pessoal	- Definição de Projeto: Objetivos e metas pessoais; Estratégias facilitadoras; Agir em conformidade. - Projetos pessoais, de grupos e de instituições: Projeto e/ou Projetos?; Vocação e profissão.
		2. Reconhecer os valores necessários à concretização de Projetos de vida verdadeiramente humanos	- Os grandes objetivos do ser humano, sonho da humanidade: A felicidade própria e alheia; A construção de uma sociedade justa e solidária: a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. - As várias opções de vida e a “opção fundamental”; O papel dos bens materiais na construção de Projetos pessoais; Riscos e limitações da procura da felicidade centrada apenas na preocupação do ter; Uma perspectiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: O valor do estudo, do trabalho e do esforço; A importância da partilha de dons e bens.

<sup>113</sup> Cf. *Programa de EMRC* 2014, p. 100-101.

CULTURA CRISTÃ E VISÃO CRISTÃ DA VIDA	G. Identificar os valores evangélicos.	3. Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O Projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional (Gn 12, 1-14; 15, 1-7).</li> <li>- O Projeto de S. Paulo: a descoberta de Cristo como eixo orientador da vida (Act 9, 1-20).</li> <li>- A parábola dos talentos (Mt 25, 14-29).</li> </ul>
RELIGIÃO E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA	B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.  C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A fé como fonte de felicidade; O princípio da felicidade humana nas diferentes religiões.</li> <li>- A esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros (Rm 12, 9-18).</li> </ul>

Tabela 2 - Domínios, Metas, Objetivos e Conteúdos trabalhados na UL

Em relação ao equilíbrio dos conteúdos trabalhados por cada domínio, meta e objetivo verifica-se que a maioria dos conteúdos trabalhados o são dentro do domínio da Ética e moral e que, trabalhando-se só uma meta dentro deste domínio, são operacionalizados dois objetivos e conteúdos relativamente extensos. No domínio da cultura cristã e visão cristã da vida são trabalhados os conteúdos especificamente bíblicos e apenas um objetivo do Programa. No domínio da religião e experiência religiosa, apesar de vermos trabalhadas duas metas curriculares, temos apenas um objetivo a trabalhar e dois blocos de conteúdos, um pensado para o diálogo inter-religioso e outro voltando à ética de inspiração bíblica. No próximo subcapítulo irei analisar de que forma se poderá, dentro deste quadro, integrar a Teologia da fragilidade.

### 3.2. As metas, objetivos e conteúdos que permitem operacionalizar o tema

Pensando no tema da Teologia da fragilidade como especificamente teológico, orientá-lo-ia mais para os domínios da Cultura cristã e visão cristã da vida e da Religião e experiência religiosa (mesmo reconhecendo que assumir a Teologia da fragilidade como opção de vida traz consequências para a dimensão ético-moral).

Assim, centro-me nas metas e objetivos que no Programa de EMRC se inserem nestes domínios. Temos, então, as metas B - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história e C - Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas, dentro do domínio Cultura Cristã e visão cristã da vida, e a meta G - Identificar os valores evangélicos, no contexto do domínio Religião e experiência religiosa. No primeiro domínio encontramos o objetivo 3 - Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus e no segundo o objetivo 4 - Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade. À partida, vendo a integração da dimensão da fragilidade como uma opção fundamental para o cristão e uma forma de encarar a vida e o mundo, poderíamos inserir o nosso tema, de forma perfeitamente razoável, em qualquer uma das três metas propostas pelo programa e também nos seus objetivos. De facto, a via teológica da fragilidade pode surgir como hermenêutica de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história, como propõe a meta B, surge, como vimos no segundo capítulo, como parte do núcleo central da religião cristã, de acordo com a meta C, e viver de acordo com a Teologia da fragilidade é trabalhar os valores evangélicos e identifica-los no contexto da religião e da experiência religiosa, como vemos na meta C. Também no contexto dos conteúdos propostos a propósito destes domínios para a UL em análise se pode trabalhar a Teologia da fragilidade. Uma vez que falamos de uma Teologia de carácter iminentemente prático, que só se concretiza quando posta em ação nos diversos momentos da vida, podemos encontrar um elo de ligação com esta UL de EMRC olhando o objetivo 3, «compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus», e que, sendo uma prática concretizada a partir da fé e dentro do seu ambiente, é uma proposta de felicidade que não se faz fora da experiência de fé (objetivo 4).

Em relação aos conteúdos trabalhados no âmbito do objetivo 3 - O Projeto de Abraão: a descoberta de um Deus único e relacional (Gn 12, 1-14; 15, 1-7); - O Projeto de S. Paulo: a descoberta de Cristo como eixo orientador da vida (Act 9, 1-20); - A parábola dos talentos (Mt 25, 14-29) e do objetivo 4 - A fé como fonte de felicidade; - O princípio da felicidade humana nas diferentes religiões; - A esperança, a alegria e a confiança na realização própria

e dos outros (Rm 12, 9-18) diria que aqueles em que seria possível trabalhar a Teologia da fragilidade seriam os conteúdos relacionados com o Projeto de Abraão e o Projeto de São Paulo, enquanto os textos trabalhados permitem acentuar a dimensão de desprendimento e incerteza que ambos os relatos vocacionais implicam (trata-se de duas histórias de vocação em que a conversão ao Deus Verdadeiro implica a transição de uma situação de vida confortável e com relativo grau de sucesso para um mergulho no desconhecido, com a saída para «a terra que Eu te indicar» [Gn 12, 1], no caso de Abraão, e a passagem do estado de perseguidor ao de perseguido, no caso de Paulo) e também os que se inserem no contexto do tema «A fé como felicidade». Neste contexto poder-se-ia trabalhar a fragilidade, a partir da reflexão teológica, como tema autónomo (enquanto proposta de felicidade dentro do cristianismo) ou como modelo de Projeto de vida cristão no contexto do discurso sobre a felicidade nas diferentes religiões. Também seria possível integrar o tema no contexto dos conteúdos sobre a esperança, a alegria e a confiança na realização própria e dos outros, uma vez que o texto bíblico proposto, em alguns versículos, remete para o tema da fragilidade (cf. versículos 13-16).

Ainda em relação aos conteúdos, proponho um breve olhar para a forma como estes são operacionalizados no Manual da disciplina<sup>114</sup>. Penso que o manual é uma ferramenta indispensável para o docente da disciplina, enquanto proposta prática concreta de transformação dos conteúdos apresentados no Programa e, assim, uma análise aos conteúdos programáticos será mais apurada se virmos a forma como a equipa que produziu o manual decidiu trabalhar o tema por meio de materiais pedagógicos por si produzidos.

Em relação aos conteúdos propostos no contexto do Objetivo 3 o manual apresenta-nos uma descrição biográfica de Abraão, sublinhando o seu encontro com um Deus radicalmente diferente das divindades antigas e de uma entidade de tipo animista, como nos politeísmos da época<sup>115</sup>, o texto da vocação de Abraão (Gn 12, 1-7)<sup>116</sup>, um quadro em que se apresenta a descendência de Abraão e o cumprimento da promessa feita por Deus e depois um texto

---

<sup>114</sup> Cf. António CORDEIRO; Fernando MOITA; José Luís DIAS; Margarida PORTUGAL, *Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica - 9.º ano do Ensino Básico - Quero ser!*, Fundação SNEC, Moscavide 2015.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*, p. 111.

<sup>116</sup> Cf. *Ibidem*, p. 112.

em que se fala acerca dos valores fundamentais ligados à vocação do pai dos crentes (obediência, respeito, humildade, disponibilidade, confiança, amor e fé)<sup>117</sup>. Ainda sobre o Projeto de vida de Abraão é apresentado um excerto de um texto do padre Vítor Gonçalves no jornal *Voz da Verdade*, remetendo para a importância da confiança e da descoberta de Deus<sup>118</sup>.

Em seguida o manual apresenta-nos uma breve biografia de Paulo e o texto da sua conversão (*Act* 9, 1-20)<sup>119</sup>. Segue-se um breve texto e um mapa que descreve as viagens de Paulo após a sua conversão<sup>120</sup>.

Ainda neste contexto é-nos proposto trabalhar a parábola dos talentos (*Mt* 25, 14-29)<sup>121</sup> e analisar um texto acerca da importância do esforço como elemento importante para a concretização do Projeto de vida em que se sublinha a prevalência do *ser* sobre o *ter*<sup>122</sup> (esta última de uma forma que considero um pouco simplista, pois podemos cair numa diabolização completa dos bens materiais, que não deixam de ser necessários para que se possa ter mínima dignidade de vida e, assim, concretizar o Projeto de vida a que somos chamados).

Em relação ao que é proposto trabalhar no contexto do Objetivo 4 o manual apresenta-nos um texto acerca da fé como experiência que atribui um significado à vida<sup>123</sup>, mostrando-nos em seguida um breve resumo sobre a experiência da fé como sentido nas principais religiões (judaísmo, cristianismo, Islão, hinduísmo, budismo e confucionismo)<sup>124</sup>. Nas últimas páginas do manual<sup>125</sup> é-nos proposto trabalhar um pequeno texto sobre a esperança, a alegria e a confiança, ler *Rm* 12, 9-18 procurando um desafio pessoal ligado às frases «Seja sincero o vosso amor», «Detestai o mal» e «Apegai-vos ao bem» e, por fim, ler um texto da *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, sobre a alegria como traço identitário do cristão.

---

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*, p. 113.

<sup>118</sup> Cf. *Ibidem*, p. 114.

<sup>119</sup> Cf. *Ibidem*, p. 115.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*, p. 116.

<sup>121</sup> Cf. *Ibidem*, p. 117.

<sup>122</sup> Cf. *Ibidem*, p. 118.

<sup>123</sup> Cf. *Ibidem*, p. 119.

<sup>124</sup> Cf. *Ibidem*, p. 120-121.

<sup>125</sup> Cf. *Ibidem*, p. 122-123.

### **3.3. Conteúdos em falta no Programa para a operacionalização do tema**

Como afirmei no item anterior, parece-me que os domínios, metas e objetivos propostos pelo Programa de EMRC na sua edição de 2014 permitem de forma perfeitamente razoável a integração do tema em análise.

Quanto aos conteúdos, embora, como verifiquei acima, se possa integrar o tema em alguns dos já previstos no âmbito dos objetivos trabalhados, também se pode pensar em conteúdos próprios para trabalhar o tema da fragilidade, como acrescento àqueles que são apresentados no Programa (o que até permitiria desfazer algum do desequilíbrio entre os conteúdos trabalhados para operacionalizar os objetivos 1 e 2 e aqueles que se trabalham a propósito dos seguintes) ou como alternativa a algum desses conteúdos.

Assim, poderiam ser integrados conteúdos próprios dentro do objetivo 3, acrescentando-se um breve olhar sobre o Livro de Job e as Cartas de Paulo acentuando a questão da fragilidade (a formulação poderia ser «A dimensão da fragilidade: a experiência da fragilidade», seguindo-se aos Projetos de Abraão e Paulo). Neste caso poder-se-iam seleccionar alguns textos a partir dos que indiquei no segundo capítulo (por exemplo Jb 19, 1-29 e 1 Cor 4, 6-13). Em alternativa poder-se-ia integrar o tema no âmbito do objetivo 4, identificando como conteúdo autónomo «A experiência da fragilidade», trabalhado a seguir aos temas já propostos.

No próximo capítulo apresento uma proposta de forma pedagógica de integrar estes conteúdos no Programa.

#### 4. Proposta pedagógica de integração da Teologia da fragilidade na UL 3 do 9.º ano «O Projeto de Vida»

O que apresento neste capítulo são algumas propostas pedagógicas de integração da Teologia da fragilidade na UL em análise. Para cada uma das propostas, e porque penso não se justificar uma análise descritiva das aulas ou dos documentos propostos para a operacionalização do tema, apresento os materiais pedagógicos habitualmente preparados para a Prática de Ensino Supervisionada, nomeadamente planificações de aula e guiões ou textos de apoio à operacionalização do tema em sala de aula. De acordo com a proposta do Programa de EMRC sempre que possível será dado privilégio aos métodos de ensino centrados no aluno, quando necessário recorreré a métodos de ensino centrados no professor.


Em relação às duas primeiras propostas, em que proponho a integração de novos conteúdos programáticos, tudo o que for diferente do que é prescrito no Programa de EMRC, edição de 2014 será apresentado sublinhado, para mais fácil identificação. Quanto à terceira proposta, a sua novidade incide na forma de lecionar os conteúdos já existentes, pelo que a planificação de aula tem como única diferença em relação àquela proposta em 1.3.2. os Anexos E e F da aula 8B. Assim, encontraremos, em relação a esta proposta, diferenças não na planificação proposta, mas em relação aos materiais de apoio propostos para trabalhar a partir dos textos bíblicos, sendo sobre os anexos que devemos dar maior atenção para perceber a proposta pedagógica feita.



#### 4.1. Proposta a) Integração no Programa como conteúdo autónomo (duas propostas)

#### 4.1.1. Integração no contexto do Objetivo 3 «Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus»



9.º Ano		Unidade Letiva 3 – O Projeto de Vida			Aula 8A	
<b>Sumário:</b> A experiência bíblica da fragilidade como caminho que não retira o sentido. Leitura de textos e realização de uma ficha de trabalho.						
Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus.	<u>A experiência bíblica da fragilidade como caminho que não retira o sentido:</u> a) <u>As cartas de São Paulo.</u>	<b>1. Acolhimento</b> <b>2. Registo do sumário e presenças</b> <b>3. Leitura de textos bíblicos</b> O professor: a) Introduz o tema da fragilidade na Bíblia e situa-o no contexto do tema da Unidade Letiva. b) Distribui os textos. c) Promove a leitura dos textos por leitores voluntários. <b>4. Realização de uma ficha de trabalho</b> <b>5. Síntese da aula</b>	2,5 2,5 15          15   5	Quadro, caneta Ficha com os textos (Anexo A)          Ficha de trabalho (Anexo B)	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade ➤ Comportamento ajustado em sala de aula ➤ Participação ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas
Síntese: A Bíblia relata algumas situações em que o ser humano se revela frágil, mas isso não deve comprometer o seu projeto de vida.						


#### 4.1.2. Integração no contexto do Objetivo 4 «Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade»

## 9.º Ano

## Unidade Letiva 3 – O Projeto de Vida

## Aula 9A

## Sumário:

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.  C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	4. Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade.	<u>«A experiência da fragilidade»: também na fragilidade humana se podem descobrir caminhos de sentido para a vida.</u>	1. <b>Acolhimento</b> 2. <b>Registo do sumário e presenças</b> 3. <b>Trabalho de grupos</b> O professor: a) Introduce o tema da fragilidade contextualizando-o com o tema da Unidade Letiva. b) Explica a tarefa: pesquisar online figuras que tenham atingido o sucesso apesar de terem algumas limitações. c) Orienta os vários grupos. d) Recolhe as conclusões dos trabalhos em plenário. 4. <b>Realização de uma ficha de trabalho</b> 5. <b>Síntese da aula</b>	2,5 2,5 25         10 5	Quadro, caneta Guião do trabalho para o professor (Anexo C); smartphones/ tablets/ computadores; ligação à internet    Ficha de trabalho (Anexo D)	<b>O professor avalia:</b>  ➤ Assiduidade ➤ Pontualidade ➤ Comportamento ajustado em sala de aula ➤ Participação ➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas

Síntese: A descoberta e consciência da nossa fragilidade não devem ser impedimentos ao nosso projeto de vida.


## 4.2. Proposta b) Integração no contexto dos conteúdos existentes (uma proposta)

9.º Ano

Unidade Letiva 3 – O Projeto de Vida

Aula 8B

Sumário:

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias		Recursos	Avaliação Formativa
G. Identificar os valores evangélicos.	3. Compreender a construção de projetos de vida na experiência de encontro com Deus.	<p>- O projeto de Abraão. A descoberta de um Deus único e relacional (Gn 12, 1-14; 15, 1-7).</p> <p>- O projeto de S. Paulo. A descoberta de Cristo como eixo orientador da vida (Act 9, 1-20)</p>	<b>1. Acolhimento.</b>	2,5	Quadro / Caneta	<b>O professor avalia:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>➤ Assiduidade</li><li>➤ Pontualidade</li><li>➤ Comportamento ajustado em sala de aula</li><li>➤ Participação</li><li>➤ Empenho e interesse pelas atividades propostas</li></ul>
			<b>2. Registo do sumário e das presenças.</b>	2,5		
			<b>3. Introdução à aula</b> O professor: <ul style="list-style-type: none"><li>- Situa no tema específico dos projetos de vida inspirados por Deus.</li></ul>	10		
			<b>4. Visionamento de um vídeo sobre a vocação de Abraão.</b> O professor: <ul style="list-style-type: none"><li>- Apresenta o vídeo.</li><li>- Solicita aos alunos que preencham uma ficha de visionamento.</li><li>- Pede a alguns alunos que partilhem as suas respostas com a turma.</li></ul>	15		
			<b>5. Leitura do texto da vocação de Paulo.</b> O professor: <ul style="list-style-type: none"><li>a) Solicita a leitura do texto por voluntários.</li><li>b) Orienta os alunos durante o preenchimento da ficha de trabalho.</li></ul>	10		
			<b>5. Síntese da aula</b>	5		
Síntese: Deus chama o ser humano a uma missão e tem um projeto para cada um.						

## Conclusão

Chegado ao fim deste Relatório Final, faço uma avaliação do meu percurso na PES e também do que foi a reflexão sobre este tema específico da Teologia da fragilidade no contexto da UL 3 do 9.º ano de EMRC.

Como avaliação do meu percurso ao longo da PES, julgo que foi um tempo de aprendizagens múltiplas, no sentido de me tornar um professor reflexivo, capaz de questionar as dimensões pedagógica, teológica e didática que constituem o cerne da prática de trabalho de um docente de EMRC e com a capacidade de atualizar e aperfeiçoar os conteúdos trabalhados a partir dessa reflexão, como penso ficar claro neste Relatório.

Foi-me possível perceber que esta atitude reflexiva, que devo assumir, exige um trabalho diário de estudo científico dos conteúdos a trabalhar em aula, de uma planificação de aulas cuidada, atenta e séria, da investigação de metodologias didáticas e de dinâmicas de grupo que sirvam os conteúdos trabalhados, sem parecerem artificiais ou forçadas. Esta atitude de reflexão permanente sobre a minha prática profissional exige também uma profunda atitude de escuta. Importa escutar as participações e dúvidas dos alunos em contexto de sala de aula, respondendo-lhes como quem efetivamente lhes prestou atenção, e também escutar o ambiente que me rodeia de modo a que aquilo que ensino seja relevante e dê sentido à existência dos meus alunos.

Também me foi dado entender que a minha prática como docente de EMRC exige de mim uma experiência de fé vivida na comunidade eclesial, visto que a disciplina pretende trabalhar não a religião (do ponto de vista do ensino de conteúdos acerca da religião ou das verdades da fé religiosa) mas *a partir da* religião, isto é, a partir de uma experiência existencial e para apresentar e propor como via de sentido uma experiência existencial. Essa experiência não pode ser ensinada e a sua proposta não pode ser aceite se não for feita pelo próprio enquanto experiência de vida comunitária (na comunidade cristã, para os alunos que fazem a opção pelo Cristianismo).

É no contexto desta atitude reflexiva que percebi que é necessário assumir enquanto docente de EMRC, e também por entender que os conteúdos a trabalhar na disciplina devem servir para apresentar e propor aos alunos a experiência existencial cristã como via de sentido, que chego ao tema deste relatório final. Em relação a este tema específico da relação entre Teologia da fragilidade e a UL 3 do 9.º ano de EMRC «O Projeto de vida» o que me foi possível concluir é que, como me tinha apercebido ao lecionar esta UL na PES, este é um tema que não é suficientemente explorado pelo Programa de EMRC na sua última edição. O projeto de vida aparece como proposta de um caminho de felicidade necessária, no qual se ignoram quase por completo as fragilidades e sofrimentos próprios da condição humana (há apenas uma breve referência ao tema na página 118 do manual do aluno).

A conclusão a que cheguei é que, sem induzir grandes alterações ao Programa da disciplina e inclusive à planificação global da UL, é possível trabalhar este tema e que ele pode ser integrado no contexto dos objetivos 3 e 4 a operacionalizar na UL, uma vez que estes objetivos trabalham a experiência religiosa.

Efetivamente, não há experiência existencial cristã, como víamos no capítulo 2, sem a integração da experiência da fragilidade, das limitações e do sofrimento (diria até que esta é uma experiência comum a qualquer ser humano, independentemente da sua filiação religiosa). O texto bíblico e a reflexão teológica da Igreja nunca ocultaram este tema e sempre o procuraram integrar no discurso acerca do cristianismo como proposta de vida e de sentido. Assim, falar de Abraão ou de Paulo implica falar de uma atitude de desinstalação, de um salto no desconhecido, do assumir das fraquezas e limitações como parte de um projeto de vida que tem a felicidade como fim. Falar do cristianismo é falar de um Deus que sofre, se comove e que morre por amor.

Deste modo, incluir este tema no contexto desta UL torna-se necessário, vencidos os medos de induzir nos alunos inseguranças, receios ou informação desnecessária e assumido que não dá para propor um projeto de vida a partir da experiência cristã (lembre-se que depois desta UL, de acordo com a planificação que assumi na PES, será trabalhado o tema «Deus, Mistério de Amor») sem dizer que faz parte do projeto de vida lidar com os fracassos e os sofrimentos,

cair, e o que não devemos é deixar-nos assoberbar por isso, buscando um sentido mais além. Como afirma o Papa Francisco no número 34 da Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, «a santidade não te torna menos humano, porque é o encontro da tua fragilidade com a força da graça»<sup>126</sup>, isto é, o humano não se torna menos humano e com menos possibilidade de ser perfeito pelo confronto com a sua fragilidade. Realizar-se, para qualquer ser humano, e ser santo, para os que escolhem o cristianismo como opção de vida, implica assumir a própria fragilidade e perceber que também ela pode ser via de realização.

---

<sup>126</sup> PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Gaudete et exsultate*, Paulus, Lisboa 2018, p. 20-21.

## Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA, Difusora Bíblica, Coimbra 2015 (reedição).

### 1) Documentos do Magistério

“Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*”, *Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações e mensagens conciliares*, Gráfica de Coimbra, Coimbra 2006, p. 184-302.

PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Gaudete et exsultate*, Paulus, Lisboa 2018.

### 2) Documentos curriculares

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS AZEVEDO NEVES, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Azevedo Neves*, 2014. Disponível em [http://agan.pt/pdf/PEA%202014\\_atualizado.pdf](http://agan.pt/pdf/PEA%202014_atualizado.pdf).

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA DAMAIA, *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Damaia*, 2013. Disponível em [https://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto\\_Educativo.pdf](https://www.aedamaia.pt/media/media/Projeto_Educativo.pdf).

CORDEIRO, António; MOITA, Fernando; DIAS, José Luís; PORTUGAL, Margarida, *Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica - 9.º ano do Ensino Básico - Quero ser!*, Fundação SNEC, Moscavide 2015.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide 2014.

### 3) Estudos e monografias

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008.

ARISTÓTELES, *História dos Animais*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 2006.

BAIRD, William, Visions, Revelation, and Ministry: Reflections on 2 Cor 12:1-5 and Gal 1:11-17, *Journal of Biblical Literature* 4 (1985), 651-662.

BERTRAM, G., “μωρός ctl.”, Gerhard KITTEL, *Grande Lessico del Nuovo Testamento*, vol. VII, Paideia, Brescia 1971, p. 724-766.

BONHOEFFER, Dietrich, *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*, Editora Sinodal, São Leopoldo 2003.

CAPUTO, John D., A Short Précis of *The Weakness of God* and *The Insistence of God*, *Forum Third Series* 5:2 (2016), 107-117.

CONSELHO SOCIAL DA FREGUESIA DA DAMAIA, *Diagnóstico social da freguesia da Damaia*, Rede Social da Amadora CLAS - Conselho Local de Ação Social, Amadora, 2004.

CUCCI, G., *Abitare lo spacio della fragilita. Oltre la cultura dell’uomo infirmus*, Ancora, Milão 2014.

CUCCI, G., *La fuerza de la fragilidade. Aspectos psicológicos de la vida espiritual*, Sal Terrae, Salamanca 2014.

DONAHUE, John R., Model of Persuasion, Pastoral theology and practice in Paul’s letters, *America* 10 (2008), 12-15.



DOSTOIEVSKI, Fiódor, *O Idiota*, Presença, Lisboa 2007.

GIORDANO, Maria Teresa, *La parola della croce: l'itinerario paradossale della sapienza divina in 1 Cor 1, 18-3, 4*, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Roma 2010.

HALÍK, Tomáš, *O meu Deus é um Deus ferido*, Paulinas, Prior Velho 2015.

HENGEL, Martin, *La crucifixion dans l'Antiquité et la folie du message de la croix*, Cerf, Paris 1981.

IDE, P., L'homme vulnérable et capable, B. ARS (ed.), *Fragilité, dis-nous ta grandeur!*, Cerf, Paris 2013, 31-88.

LE GAL, Frédéric, "L'Évangile de la folie sainte", *Recherches de Science Religieuse* 3 (2001), 419-442.

MACGORMAN, J. W., *Layman's Bible Book Commentary*, vol. 20, Broadman Press, Nashville 1980.

MARTINS, António, A fragilidade como categoria teológica in Américo PEREIRA (coord.), *Humanização e cuidado. Da arte de cuidar*, Editorial Caritas, Lisboa 2018, 39-66.

MARTINS, António, O paradoxo do corpo: força e fragilidade. Uma leitura cristã in A. TEIXEIRA, J. T. MENDONÇA (ed.), *Desporto, ética e transcendência*, Ed. Afrontamento, Lisboa 2016, 65-78.

MENDONÇA, José Tolentino, A fragilidade de Deus: notas sobre um paradoxo paulino (1 Cor 2, 25), *Didaskalia* 2 (2015), 131-138.

MORRAY-JONES, C. R. A., Paradise Revisited (2 Cor 12:1-12): The Jewish Mystical Background of Paul's Apostolate. Part 1: The Jewish Sources, *The Harvard Theological Review*, 2 (1993), 177-217.

MORRAY-JONES, C. R. A., Paradise Revisited (2 Cor 12:1-12): The Jewish Mystical Background of Paul's Apostolate. Part 2: Paul's Heavenly Ascent and Its Significance, *The Harvard Theological Review*, 3 (1993), 265-292.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome, *Paulo - um homem inquieto, um Apóstolo insuperável*, Paulinas, Prior Velho 2008.

PASCAL, Blaise, *Pensamentos*, Europa-América, Lisboa 1998, Fragmento XXXII.

REYNIER, Chantal, La langage de la croix dans le corpus paulinien, *Association Catholique Française pour l'Étude de la Bible, Paul de Tarse*, Cerf, Paris 1996.

RICOEUR, Paul, *Tempo e narrativa*, tomo III, Papirus Editora, Campinas 1997.

SALMANN, E., *Passi e passaggi nel cristianesimo. Piccola mistagogia verso il mondo della fede*, Citadella Editrice, Assis 2011.

TEIXEIRA DE PASCOAES, *O Pobre Tolo*, Assírio & Alvim, Lisboa 2000.

TEODOTO DE ANCIRA, *Omilie cristologiche e mariane*, Città Nuova, Roma 1992.

TORRALBA, H., Hacia una antropologia de la vulnerabilidad, *Revista Forma* 2 (2010), 25-32.

TRINEZ, D., *L'école de la fragilité*, Cerf, Paris 2008.

VANIER, Jean, *Jesus vulnerável*, Apostolado da Oração, Braga 2017.

WALLACE, James Buchanan, *Snatched into Paradise (2 Cor 12:1-10): Paul's Heavenly Journey in the Context of Early Christian Experience*, De Gruyter, Berlin/Nova Iorque 2011.

WALSH, Richard, "Realizing" Paul's Visions: The New Testament, Caravaggio, and Paxton's *Frailty*, *Biblical Interpretation* 18 (2010), 28-51.

WELBORN, Larry L., *Paul, the Fool of Christ: A Study of 1 Corinthians 1-4 in the Comic-Philosophic Tradition*, T & T Clark International, New York 2005.

## Anexos

### a) Relativos a 1.3.2.

#### Anexo 1 (Lição n.º 13; Aula nº 1)



### Definição de Projeto

a) A palavra projeto deriva do latim e significa «lançar para a frente», sugerindo movimento, ação, uma trajetória que se visualiza no tempo e no espaço, com um ponto de partida e outro de chegada.

b) Um projeto consiste na definição de um conjunto de objetivos a atingir, bem como na planificação de estratégias e atividades que visem atingir os objetivos propostos.

### Projetos pessoais e projetos coletivos

Projetos pessoais:	Projetos coletivos:
<ul style="list-style-type: none"><li>• passar de ano</li><li>• tirar um curso superior</li><li>• exercer determinada profissão</li><li>• casar</li><li>• ser missionário</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• projeto educativo de um agrupamento de escolas</li><li>• clube de futebol</li><li>• Associação de estudantes</li><li>• Grupo de amigos</li></ul>



A nível pessoal podemos interrogar-nos: projeto ou projetos?

- A minha vida envolve e é envolvida por um projeto?
- A minha vida é a experiência de diferentes projetos consoante o meu crescimento e maturidade pessoais?

### Definir um projeto de vida

Como definir um projeto de vida?

### Passos para definir um projeto de vida

- Quem sou?
- Onde estou?
- Para onde quero ir?
- O que estou disposto a alterar para atingir o meu objetivo?
- Quando quero chegar ao meu objetivo?
- Avalio regularmente o que me separa da meta?

### Um projeto de vida é:

- A definição de objetivos e metas que queremos cumprir.
- A nossa capacidade de lutar por esses objetivos.
- A escolha de um rumo ("Quem quero ser?") mais vasto que o da escolha profissional ("O que quero fazer?")



Nome:

n.º

Ano/turma:

## **Projeto de Vida: Saltos para o futuro**

Faz este pequeno exercício:

Escreve uma carta para o teu eu de daqui a vinte anos. Como te imaginas em termos pessoais, profissionais, onde estarás a viver, com quem, como é a tua relação com os teus amigos, se ainda manténs contacto com os colegas da turma, etc...

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Nome:

n.º

Ano/turma:

### **A escultura do Rei David (Miguel Ângelo)**

Nas pedreiras de Carrara (Itália), encontraram um **bloco de mármore** de extraordinárias dimensões. A pedra era tão perfeita que não quiseram quebrá-la. Conservaram-na inteira, pensando que alguém pudesse extrair dela algo excecional.

Chamaram os melhores escultores, mas nenhum quis encarregar-se do projeto. Algum tempo depois, Miguel Ângelo deparou-se com este enorme pedaço de mármore. Observou a pedra e imediatamente viu que o **rei David** morava no seu interior. Decidiu então trabalhar neste novo projeto. Utilizando os instrumentos necessários, começou a extrair todos os pedaços de mármore que encerravam a escultura. Pouco a pouco, o seu David foi tomando forma. Toda a sua beleza, que só Miguel Ângelo conhecia enquanto esteve oculta no enorme pedaço de mármore, apareceu, imponente, aos olhos de todos.



### **Ser feliz (Augusto Cury, *Dez leis para ser feliz*)**

Posso ter defeitos, viver ansioso e ficar irritado algumas vezes, mas não esqueço que a minha vida é a maior empresa do mundo. E que posso evitar que ela vá à falência.

Ser feliz é reconhecer que vale a pena viver, apesar de todos os desafios, incompreensões e períodos de crise. Ser feliz é deixar de ser vítima dos problemas e tornar-se autor da própria história. É atravessar desertos fora de si, mas ser capaz de encontrar um oásis no recôndito da sua alma. É agradecer a Deus em cada manhã pelo milagre da vida.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos. É saber falar de si mesmo. É ter coragem para ouvir um «não». É ter segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Nome:

n.º

Ano/turma:

## A ilha deserta

Imagina que te convidavam para viver como guarda de uma ilha deserta, fora da civilização. Com um bom salário, mas sem todos os confortos da civilização.



**Identifica dez objetos** que tinhas mesmo de levar na viagem.

1.	6.
2.	7.
3.	8.
4.	9.
5.	10.

**Diz cinco objetos** que não poderias levar e te fariam mesmo falta.



1.
2.
3.
4.
5.

## Mudança de cidade

Por razões profissionais, a tua família precisava de mudar de cidade.

**Aponta cinco valores** que precisarias de ter para fazer novos amigos.

1.
2.
3.
4.
5.



**Identifica cinco valores** que vives e que deves manter sempre.



1.
2.
3.
4.
5.



n.º

**Ano/turma:**

Num texto de, pelo menos, **5 linhas** escreve os passos essenciais que precisas de dar para conseguires atingir os teus principais objectivos de vida.

[illegible]



Agrupamento de Escolas da Damaia

## ESCOLA EB 2/3 PEDRO D'OREY DA CUNHA

### EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Nome:

n.º

Ano/turma:

### A parábola dos talentos

«Será também como um homem que, ao partir para fora, chamou os servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu.

Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco. Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois. Mas aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.



Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e pediu-lhes contas. Aquele que tinha recebido cinco talentos aproximou-se e entregou-lhe outros cinco, dizendo: 'Senhor, confiaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que eu ganhei.' O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.'

Veio, em seguida, o que tinha recebido dois talentos: 'Senhor, disse ele, confiaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que eu ganhei.' O senhor disse-lhe: 'Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor.'

Veio, finalmente, o que tinha recebido um só talento: 'Senhor, disse ele, sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence.' O senhor respondeu-lhe: 'Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu ceifo onde não semeei e recolho onde não espalhei. Pois bem, devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros.' 'Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.'

Mt 25, 14-29

1. A que podemos comparar os talentos de que fala a história?

---

---

2. Que dons tens que são reconhecidos pelos outros?

---

---

---

3. Que dons tens e, como uma das personagens da história, não pões a render?

---

---

---



## ESCOLA EB 2/3 PEDRO D'OREY DA CUNHA

9.º A

EDUCAÇÃO  
MORAL E  
RELIGIOSA  
CATÓLICA

Membros do grupo:

### **Cria uma associação de ajuda aos outros**

A vossa associação precisa de:

- a) Um grupo de pessoas a quem ajudar
- b) Uma missão
- c) Um nome
- d) Um lema

Uma vez que se trata de um documento em formato vídeo, este anexo consta do CD que acompanha o Portefólio da PES e onde se encontram os restantes anexos pedagógicos em formato digital e acompanha, também, o CD em que se encontra a versão digital deste Relatório final.

**EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

Nome:

n.º

Ano/turma:

## **Vocação de Abraão**

1. Na história de Abraão, quais eram as personagens?

---

---

---

2. O que aconteceu que transformou a vida de Abraão?

---

---

3. O que poderia ter acontecido de diferente na história deste homem?

---

---

4. Será possível ouvir Deus? Como se ouve Deus?

---

---




## Anexo 10 (Lição n.º 21; Aula n.º 9)

FB 2/1 Pedro D'Orey da Cunha


9.º A - EMRC

# AS RELIGIÕES E A FELICIDADE

UL3 – 9.º ano EMRC




## JUDAÍSMO



### Do amor a Deus e ao próximo

O crente judeu escuta o Senhor, de quem recebe, através de Moisés, os Mandamentos como uma dádiva para que, cumprindo-os, viva feliz e não caia em qualquer tipo de escravidão. A liberdade vive-se no amor a Deus e prolonga-se no amor ao próximo.

## CRISTIANISMO



### Do amor a Deus e ao próximo, em especial o inimigo

Jesus Cristo é o rosto do Amor e de uma Boa Nova porque não exclui ninguém do seu amor. Amar a Deus e o próximo inclui os inimigos, que são motivo de perdão e de acolhimento. Esta é uma proposta exigente, mas o caminho certo, a verdade sem medos e a vida plena de felicidade porque assente num projeto de salvação.


## ISLÃO



### Da prática da justiça, da verdade e das boas obras

O crente encontra a sua felicidade na submissão à vontade de Alá e na prática dos cinco princípios fundamentais: a profissão de fé, a oração cinco vezes ao dia, a esmola, o jejum e a peregrinação.


## HINDUÍSMO



### Da realização do dharma

Dharma é a consciência de pertencer a um universo organizado e, consequentemente, a obrigação de aceitar o seu lugar na vida pelo cumprimento dos deveres religiosos, morais e sociais. Para os hindus, uma correta prática do dharma tem um efeito favorável sobre o karma, o que permite a cada indivíduo renascer numa casta e num plano de existência mais elevado, aproximando-se, deste modo, do objetivo final, o nirvana.

## BUDISMO



### Da superação da dor e do sofrimento

O objetivo do Budismo é ajudar as pessoas a encontrar o caminho para a iluminação, no qual se atinge o estado de nirvana — total serenidade e libertação em relação a qualquer forma de desejo, erradicando assim as causas de todo o sofrimento.

## CONFUCIONISMO



### Da preservação da ordem cósmica e do fator humano

As pessoas receberam do Céu o dom da vida e todas as propriedades inatas à natureza humana, sobretudo a faculdade do discernimento moral. A perceção do que é justo e do que é errado é comum a todos os seres humanos e distingue-os dos animais. Há, portanto, uma igualdade fundamental entre todas as pessoas, independentemente das classes sociais. Todos os seres humanos têm a capacidade de atingir a perfeição.

**EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

Nome:

n.º


Ano/turma:

**A fé como fonte de felicidade – *O amor faz o bem***

Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. Sede afetuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua. "Não sejais preguiçosos na vossa dedicação; deixai-vos inflamar pelo Espírito; entregai-vos ao serviço do Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração. Partilhai com os santos q-ue passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros. Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens.

Rm 8, 9-18

Para cada imperativo de vida que nos é deixado neste texto, encontra um desafio pessoal que possas cumprir:



IMPERATIVO DE VIDA	DESAFIO PESSOAL
Seja sincero o vosso amor	
Detestai o mal	
Apegai-vos ao bem	

## b) Relativos a 4.1.1.

Anexo A (Aula 8A)



Nome:

n.º

Ano/turma:

### Revelações e fraquezas de Paulo (2 Cor 12, 1-10)

É necessário que me glorie? Na verdade, não convém! Apesar disso, recorrerei às visões e revelações do Senhor. Sei de um homem, em Cristo, que, há catorze anos - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! - foi arrebatado até ao terceiro céu. E sei que esse homem - ignoro se no corpo ou se fora do corpo, Deus o sabe! - foi arrebatado até ao paraíso e ouviu palavras inefáveis que não é permitido a um homem repetir.

Desse homem gloriar-me-ei; mas de mim próprio não me hei-de gloriar, a não ser das minhas fraquezas. Decerto, se quisesse gloriar-me, não seria insensato, pois diria a verdade. Mas abstenho-me, não vá alguém formar de mim um juízo superior ao que vê em mim ou ouve dizer de mim. E porque essas revelações eram extraordinárias, para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza.»

De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim a força de Cristo. Por isso me comprazo nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.

### Paulo e a fraqueza dos cristãos (1 Cor 4, 6-13)

Se apliquei tudo isto a mim e a Apolo, irmãos, foi por vossa causa, para que aprendais de nós mesmos a «não ir além do que está escrito», e para que ninguém se vanglorie, tomando o partido de um contra o outro. Pois, quem te faz superior aos outros? Que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, porque te glorias, como se não o tivesses recebido? Já estais saciados! Já sois ricos! Sem nós, já vos tornastes reis! Oxalá o tivésseis conseguido, para que também nós pudéssemos reinar convosco. De facto, parece-me que Deus nos pôs a nós, os apóstolos, no último lugar, como se fôssemos condenados à morte, porque nos tornámos espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens. Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo! Nós somos fracos, e vós, fortes! Vós, honrados, e nós, desprezados! Até este momento, sofremos fome, sede e nudez, somos esbofeteados, andamos errantes, e cansamo-nos a trabalhar com as nossas próprias mãos. Amaldiçoados, abençoamos; perseguidos, aguentamos; caluniados, consolamos! Tornámo-nos, até ao presente, como o lixo do mundo e a escória do universo.



Nome:

n.º

Ano/turma:

**Ficha de trabalho sobre a fragilidade na Bíblia**

1. Quais são as fraquezas de que, como Paulo em 2 Cor 12, te podes orgulhar?

---

---

2. Que fraquezas são, para ti, mais difíceis de superar? O que fazes para as ultrapassar?

---

---

3. Que atitude está São Paulo a criticar em 1 Cor 4?

---

---

4. Também costumás ter atitudes de soberba? Ou a tua autoestima é habitualmente baixa e desprezas as tuas capacidades?

---

---

5. Quais são as tuas fragilidades? O que podes fazer para que elas não sejam obstáculo ao teu projeto de vida?

---

---

---

### **c) Relativos a 4.1.2.**

#### **Anexo C (Aula 9A)**



#### **Trabalho de grupos - Guião do professor**

##### **Introdução ao tema**

Ao pensar na questão do projeto de vida, importa perceber que este não é sempre feito de sucessos e vitórias, mas que todos encontramos na nossa vida fragilidades e limitações. Importa entender que essas fragilidades devem ser integradas no projeto de vida e que não devemos deixar de ter objetivos e projetos apesar das dificuldades com que nos vamos deparando ou pela fragilidade própria da nossa condição humana.

Ao longo da História da Humanidade temos diversos casos de pessoas que, apesar das suas limitações físicas, sociais ou outras atingiram sucesso e cumpriram o seu projeto de vida. O objetivo deste trabalho é identificar algumas destas pessoas.

##### **Objetivo do trabalho**

Identificar figuras históricas ou figuras públicas da atualidade que tenham atingido sucesso apesar das suas fragilidades ou limitações.

##### **Operacionalização do trabalho**

Em grupos de quatro elementos, os alunos devem pesquisar na internet por exemplos de vida de superação. Pode ser utilizado qualquer aparelho com acesso à internet.

Os alunos devem identificar: o nome da figura; o tipo de fragilidade ou limitação que lhe está associada (deficiência física, doença incapacitante, situação socioeconómica difícil); a atividade que essa figura realiza; os esforços que diariamente precisa de fazer para conseguir os seus objetivos; o que essa pessoa já fez para atingir o seu objetivo.

No final devem ser recolhidas as conclusões dos diversos grupos, por porta-vozes, e o professor deve fazer a síntese dessas conclusões.

Nome:

n.º

Ano/turma:

**Fragilidade e projeto de vida**

1. O que mais te chamou a atenção na figura trabalhada pelo teu grupo?

---

---

2. Que fragilidades teve essa pessoa de ultrapassar para atingir os seus objetivos?

---

---

3. E tu, que fragilidades e limitações tens que possam impedir-te de alcançar o teu projeto de vida?

---

---

4. O que podes fazer para ultrapassar essas fragilidades ou de que forma as podes integrar para não deixares de cumprir os teus objetivos?

---

---

---

---

---

---

#### **d) Relativos a 4.2.**

Anexo E (Aula 8B)



### **Integração do tema da fragilidade nas experiências vocacionais de Abraão e São Paulo**

#### **Tópicos orientadores**

Ambos os textos exploram a questão de como a descoberta de Deus transforma e dá sentido à vida destas personagens bíblicas. Para, ao trabalhar estes textos, ter presente a questão da fragilidade, que não nos interessa deixar de fora deste tema do projeto de vida, devemos ter presentes os seguintes tópicos:

- a) Em ambos os casos a opção pelo seguimento de Deus implica um salto no desconhecido (lembramos que estamos a falar de duas pessoas que, antes da descoberta de Deus, tinham uma situação de vida confortável. Abraão tinha bens materiais, mulher, estava estabilizado numa cidade. Saulo tinha uma missão em que se sentia realizado. Em ambos os casos há a troca desse conforto pela total incerteza de não saber para onde ir, com tudo o que isso implica de medos, inseguranças e fragilidades).
- b) Abraão e Paulo tornam-se dois homens a caminho (um de Ur para a Terra Prometida, outro percorrendo a bacia do Mediterrâneo para anunciar Jesus). O caminho não é sempre feito de facilidades, é cansativo, por vezes difícil.
- c) A experiência da fé em Deus é, também, uma experiência de dúvida e incerteza.

Nome:

n.º

Ano/turma:

**A vocação de São Paulo (Act 9, 1-20)**

Saulo, entretanto, respirando sempre ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, foi ter com o Sumo Sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, se encontrasse homens e mulheres que fossem desta Via, os trouxesse algemados para Jerusalém.

Estava a caminho e já próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do Céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?» Respondeu: «Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer.»

Os seus companheiros de viagem tinham-se detido, emudecidos, ouvindo a voz, mas sem verem ninguém. Saulo ergueu-se do chão, mas, embora tivesse os olhos abertos, não via nada. Foi necessário levá-lo pela mão e, assim, entrou em Damasco, onde passou três dias sem ver, sem comer nem beber. Havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. O Senhor disse-lhe numa visão: «Ananias!» Respondeu: «Aqui estou, Senhor.» O Senhor prosseguiu: «Levanta-te, vai à casa de Judas, na rua Direita, e pergunta por um homem chamado Saulo de Tarso, que está a orar neste momento.»

Saulo, entretanto, viu numa visão um homem, de nome Ananias, entrar e impor-lhe as mãos para recobrar a vista. Ananias respondeu: «Senhor, tenho ouvido muita gente falar desse homem e a contar todo o mal que ele tem feito aos teus santos, em Jerusalém. E agora está aqui com plenos poderes dos sumos sacerdotes, para prender todos quantos invocam o teu nome.» Mas o Senhor disse-lhe: «Vai, pois esse homem é instrumento da minha escolha, para levar o meu nome perante os pagãos, os reis e os filhos de Israel. Eu mesmo lhe hei de mostrar quanto ele tem de sofrer pelo meu nome.» Então, Ananias partiu, entrou na dita casa, impôs as mãos sobre ele e disse: «Saulo, meu irmão, foi o Senhor que me enviou, esse Jesus que te apareceu no caminho em que vinhas, para recobrares a vista e fiques cheio do Espírito Santo.» Nesse instante, caíram-lhe dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista. Depois, levantou-se e recebeu o batismo.

Depois de se ter alimentado, voltaram-lhe as forças e passou alguns dias com os discípulos, em Damasco. Começou, então, imediatamente, a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus.

## As vocações de Abraão e São Paulo

1. O que aconteceu que transformou a vida de Abraão?

---

---

2. O que poderia ter acontecido de diferente na história deste homem?

---

---

3. O que aconteceu que transformou a vida de São Paulo?

---

---

4. O que poderia ter acontecido de diferente na história de São Paulo?

---

---

5. Pensas que Abraão e São Paulo escolheram o caminho mais fácil? Porquê?

---

---

6. Por que dificuldades Abraão e São Paulo tiveram de passar?

---

---

7. A que esperança te agarras na tua vida? Isso ajuda-te a superar as tuas dificuldades?

---

---

---

---

# Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo .....	4
Palavras-chave .....	4
Siglário.....	5
Introdução.....	6
1. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada.....	11
1.1. O contexto em que se desenvolveu a PES.....	11
1.1.1. Caracterização sociológica da EB 2, 3 Pedro d'Orey da Cunha .....	11
1.1.2. Caracterização da turma - 9.º A.....	14
1.2. Evolução da prática docente.....	15
1.3. A Unidade Letiva trabalhada em sala de aula.....	18
1.3.1. Considerações iniciais sobre a Unidade Letiva .....	18
1.3.2. Planificações e relatórios de aula.....	22
1.3.3. Conclusões sobre a operacionalização da Unidade Letiva.....	40
1.3.4. Impressões pessoais e desafios a partir da Unidade Letiva.....	40
2. A fragilidade. Olhar e reflexão teológica .....	42
2.1. Uma teologia bíblica da fragilidade.....	43
2.1.1. A fragilidade em 1 Cor 1, 25.....	44
2.2.2. A fragilidade em 2 Cor 12, 1-10 .....	49
2.2. A reflexão teológica contemporânea sobre a fragilidade .....	52
2.2.1. <i>O meu Deus é um Deus ferido</i> .....	52
2.2.2. Jesus vulnerável.....	54
2.3. Síntese da reflexão bíblico-teológica .....	56
3. A presença da reflexão teológica sobre a fragilidade na UL 3 do 9.º ano «O Projeto de Vida» .....	58
3.1. As metas, objetivos e conteúdos trabalhados na UL.....	58
3.2. As metas, objetivos e conteúdos que permitem operacionalizar o tema .....	59
3.3. Conteúdos em falta no Programa para a operacionalização do tema .....	63

4. Proposta pedagógica de integração da Teologia da fragilidade na UL 3 do 9.º ano «O Projeto de Vida» .....	64
4.1. Proposta a) Integração no Programa como conteúdo autónomo (duas propostas) ....	65
4.1.1. Integração no contexto do Objetivo 3 «Compreender a construção de Projetos de vida na experiência de encontro com Deus».....	65
4.1.2. Integração no contexto do Objetivo 4 «Reconhecer a Fé como elemento constitutivo da experiência de felicidade» .....	66
4.2. Proposta b) Integração no contexto dos conteúdos existentes (uma proposta) .....	67
Conclusão .....	68
Bibliografia.....	71
Anexos.....	76
a) Relativos a 1.3.2.....	76
b) Relativos a 4.1.1.....	88
c) Relativos a 4.1.2.....	90
d) Relativos a 4.2. ....	92